

col. Personal d

LUSTRAÇÃO



A N O
5.º -

Lisboa, 1 de Outubro de 1930

PREÇO - 4\$00

Número

-115-

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



V
E
R
A
M
O
N

60334604

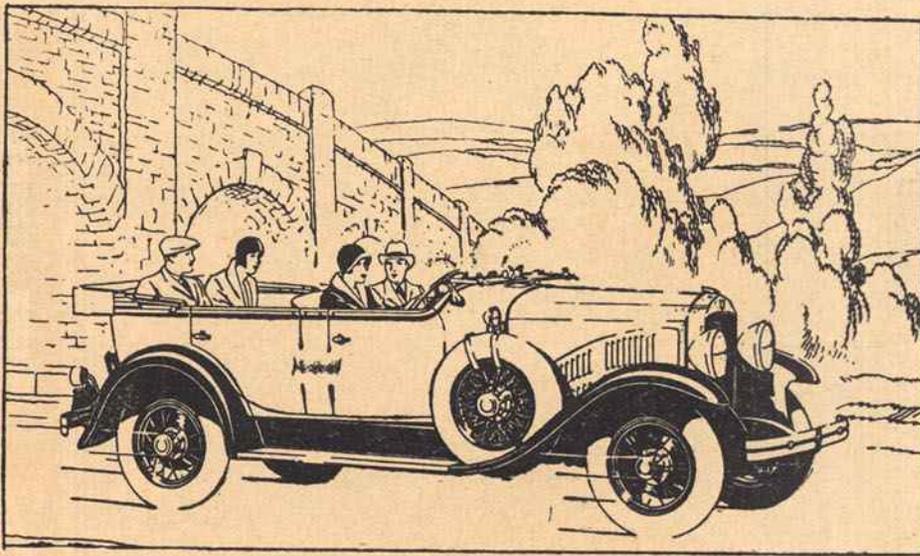


Tubos de
10 e 20 compr.

O seu melhor amigo

é o Veramon porque faz desaparecer as doenças próprias do sexo feminino, acalmando a dôr e restabelecendo o bemestar geral e o bom humor. — Se o mal se agravar, não deixe V. Ex^a de consultar, a tempo, o médico; mas, de momento, evite o sofrimento empregando o Veramon, que é inocuo e eficaz.

REO*



Os proprietários de um REO disfructam de um bom funcionamento e de grande commodidade

O magnífico funcionamento do REO é muito apreciado pelos seus proprietários porque vai acompanhado de outras qualidades não menos desejáveis, como sejam: grande commodidade, economia e longa duração.

Os automóveis REO estão provistos de molas largas e flexíveis e os seus assentos são excepcionalmente largos e oferecem amplo espaço para as pernas, factores estes que contribuem para tornar agradáveis todas as viagens, por muito longas que sejam.

**REO são as iniciais de Ramson E. Olds, um dos primeiros fabricantes da industria automobiliz, fundador, com outros, ha 27 anos, da REO MOTOR CAR COMPANY, e actual Presidente do Conselho de Direcção da dita firma.*

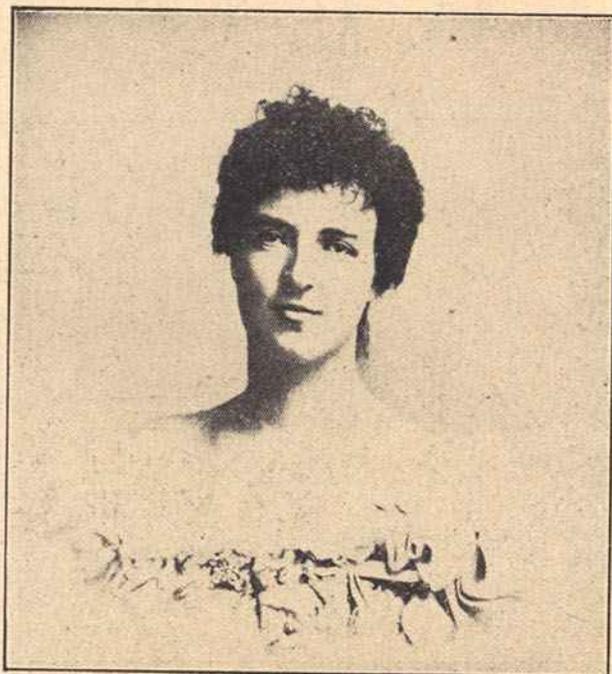
AGENTES GERAES
CONTRERAS & GARRIDO, Lda.
Avenida da Liberdade, 165-171
LISBOA : - : Telf. N-6795 e N-789

AGENTES NO NORTE
ANTONIO MARQUES DA FONSECA
194, Rua Augusto Rosa -- PORTO

REO MOTOR CAR



COMPANY - LANSING



*Admirando os magníficos
productos Nally, que me
gentilmente me foram offeridos,
gostava de pensar que estão nas
mãos de todas as Senhoras
Portuguezas.*

D. Amélia Rainha

Capo d'Arco Napoli 12-II-35.

**Nobilísimas palavras da mesma
Augusta Senhora:**

*«Se em Portugal se fabricam
artigos de perfumaria como os de
«Nally», mister se torna que to-
das as Senhoras portuguezas os usem.
Eu dei esse exemplo, pelo que res-
peita à indústria nacional portugue-
sa, pois quando vivi em Portugal,
usei sempre e estabeleci como regra, na
Côrte, a preferência de tudo quanto
ali era fabricado».*

Os **PRODUCTOS NALLY**, de perfumaria e beleza obtiveram de Rainhas, Princezas e Aristocratas referências únicas até hoje, **EM TODO O MUNDO!**

Jámais outros quaisquer produtos conseguiram a pública apreciação de Senhoras de tão elevada estirpe e requintada elegância, e isso, só por si, coloca a marca **NALLY** acima de qualquer outra, por maior e mais justificada que seja a sua fama.



A Motorine Price's
 é fabricada pela *Price's Patente Cand'e*
Co. Ltd. fornecedora de todos os
 oleos para o governo Inglez que
 produz um lubrificante especial
 para cada fim em vista.

MOTORINE

O oleo que faz diferença

Os sucessos que os sportmens portugueses
 tem alcançado com o emprego da **Motorine**

Price's provou à evidência a superioridade do lubrificante que *Rolls-Royce* usa e recomenda
 ha **23 ANOS!!!**

PRICE'S

PEÇAM INFORMAÇÕES DETALHADAS À

Companhia Comercial de Lubrificantes

113, Avenida da Liberdade, 115, — Lisboa — Telefone 2 1870

Encontra-se á venda o

Almanach Bertrand

FUNDADO POR FERNANDES COSTA E COORDENADO POR D. MARIA FERNANDES COSTA

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

*A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portu-
 guesa. — RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO. — Colaborado pelos
 melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros. — Passatempo e En-
 ciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matemática muito
 interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos*

Um grosso volume de 400 páginas, cartonado **10\$00**

Encadernado luxuosamente..... **18\$00**

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

32.º — ANO — 1931

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Aos Estudantes dos Liceus e aos Professores

Recomenda-se a Colecção Patricia

Que contém a história da nossa literatura em pequenos e elegantes volumes.

Os volumes publicados são:

- | | |
|--|-----------------------------|
| 1— Camilo Castelo Branco (2.ª edição) | 16— Gil Vicente |
| 2— Fialho de Almeida (2.ª edição) | 17— Camilo e o Centenário |
| 3— Os melhores sonetos bra-
sileiros (2.ª edição) | 18— Júlio Denis |
| 4— Alexandre Herculano | 19— Júlio Dantas |
| 5— Gomes Leal | 20— Ex-libris |
| 6— Eça de Queiroz | 21— Sonetos contemporâneos |
| 7— Guerra Junqueiro | 22— Sá de Miranda |
| 8— Eugénio de Castro | 23— Nicolau Tolentino |
| 9— Os eternos sonetos de
Portugal | 24— Garcia de Rezende |
| 10— A Batalha (2.ª edição) | 25— Latino Coelho |
| 11— Bocage | 26— Soror Mariana |
| 12— Marcelino Mesquita | 27— Ramalho Ortigão |
| 13— As mais lindas quadras
populares | 28— D. João da Câmara |
| 14— António Nobre | 29— H. Lopes de Mendonça |
| 15— Marquesa de Alorna | 30— A Cerâmica |
| | 31— Cartas de Soror Mariana |
| | 32— Júlio Cesar Machado |
| | 33— Manuel Bernardes |
| | 34— Gonçalves Crespo |
| | 35— Fernão Lopes |

Preço de cada volume da colecção: 2\$50

A venda na Filial do «Diário de Notícias», Largo de Trindade Coelho, n.º 10 e 11 e nas outras livrarias.

Biblioteca dos pequeninos

DIRECTORA:

D. Emilia de Sousa Costa

NAS PRAIAS E CAMPOS — Recomenda-se ás
nossas crianças a leitura do formoso livrinho

BAZAR DE BRINQUEDOS

DE
D. GRACIETE BRANCO

*Lindos contos e sugestivas ilustrações
de Alfredo de Moraes*

PREÇO 5\$00

A' venda em todas as livrarias e na Filial do
«Diário de Notícias», Largo de Trindade
Coelho, 10 e 11.

AOS ESTUDIOSOS AOS BIBLIOFILOS

Recomenda-se a leitura de

O bairro da Graça consagrando Latino Coelho

Notavel trabalho literario de Mário Portocarrero Casimiro com prefacio do dr. Alfredo da Cunha e ilustrado com desenhos originaes da pintora D. Maria Adelaide Lima Cruz, do caricaturista Francisco Valença, do estatuario Cesar Barreiros e do pintor Roberto, uma fotografia de San Payo e diversas outras.

Preço 7\$50

A' venda na filial do «Diário de Notícias»

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11

NOVIDADE LITERARIA

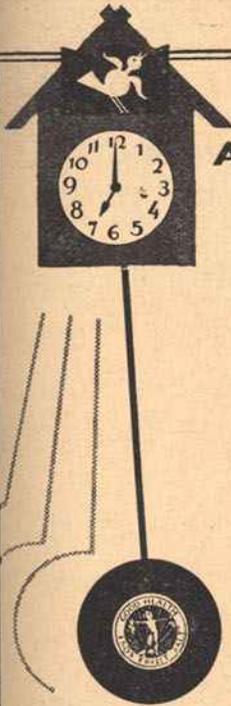
*O livro de um «chauffeur»
que é um autentico poeta*

MUSA AO VOLANTE

*Quadras populares com
prefácio de Albino*

*Forjaz de
Sampaio*

Preço 5\$00



A HORA DO ENO!

Para que os dias vos decorram cheios de saúde e bom humor, tomai sempre ao levantar da cama o vosso copo de Eno's "Fruit Salt".

Graças ao "Eno" livrar-vos-heis das perturbações de estomago e figado e de todos os incomodos que a prisão de ventre ocasiona. O elevado grau de pureza do sal de fructa "Eno" e a sua acção brandamente laxativa, conquistaram-lhe, durante os ultimos sessenta anos, uma reputação universal de precioso auxiliar da saúde.

Exigi sempre a marca Eno's "Fruit Salt".

SAL DE FRUCTA ENO "FRUIT SALT"

Depositarios em Portugal: ROBINSON, BARDSLEY, & Co., LTD.
8, Caes Sodré LISBOA.



**Creanças sadias,
fortes,
alegres**

Não é a comida que torna as creanças sadias e robustas. É o que ellas digérem. É por isso que ha mais de meio século se reconhece a Maizena Duryea como o alimento insuperavel para as creancinhas.

Temos um exemplar para V. S. do excellent livro de Receitas de Cozinha da Maizena Duryea. Se o quizer, tenha a bondade de mandarnos o seu nome e endereço. Peça-o Senhora.

CARLOS DE SA PEREIRA, L.^{da}
Rua Arco Ban-
deira, 115 -
LISBOA



GRATIS

**MAIZENA
DURYEA**



**Os poços mortíferos!
As imitações!**

Desconfiæ da água dos poços e das imitações.

Use apenas os

LITHINÉS. DR. GUSTIN

que vos darão uma água deliciosa, pura ou com vinho. Soberanos contra afecções do **figado, estomago e bexiga**. Desconfiæ das imitações e exigi a marca do **Dr. Gustin**, á venda nas Farmacias.

OLHAR QUE FASCINA

Com o ondulator **KURLASH** das pestanas

*Que é um encanoso aparelho que permite com o **Paral Kurlash Cosmético**, em alguns segundos, arquear as pestanas tal como nos vemos nas artistas de filmes norte americanos. Transforme as suas pestanas em fartas e longas com os productos **VILDIZIENNE** e ondula-as com **KURLASH**. Use na toilette da noite **Crems de Massagem Rainha da Hungria** e da toilette Agua, **Crems, Rouge e Pó d'Arroz** da grande marca **Rainha da Hungria**, 4 amostras em não 10\$ pelo correio 12\$*

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA
— As mais luxuosas instalações —
Directora: **M. me CAMPOS**

Peça catálogo gratis e 3 amostras 8\$00 e transforme em 3 dias a sua pele numa **Beleza** incomparavel!

AVENIDA DA LIBERDADE, 35



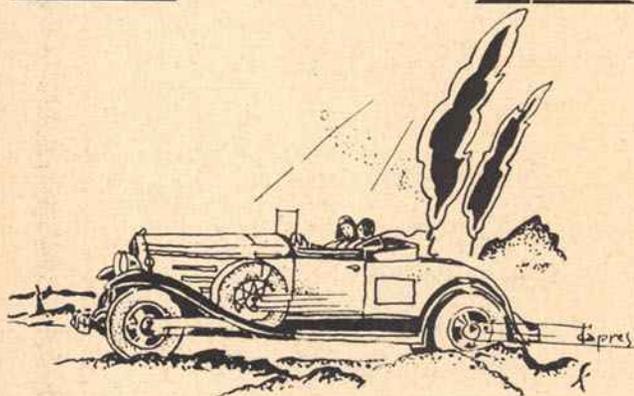
"EVA," Uma linda **capa**

Uma elegante primeira página
— Uma sensacional página central — Os mais lindos figurinos
A maneira rápida de preparar os sacos porta-sombrinhas

PRIMOROSA COLABORAÇÃO LITERÁRIA: *Artigos, Crônicas, Critica literária, Conselhos e alvitres, Culinária*

FRANKLIN

«O AVIÃO DA ESTRADA»



O motor FRANKLIN, arrefecido pelo ar, quer sobre o avião, quer sobre o automovel, quer ainda sobre o «tank» de guerra é sempre o primeiro

SIMAL

**4, Rua Serpa Pinto
(Ao Chiado)
LISBOA**

**XAVIER ESTEVES & C.^A
101, RUA DO BOMJARDIM
PORTO**

ESTORIL-TERMAS

Estabelecimento **HIDRO-MINERAL**
e **FISIOTERAPICO DO ESTORIL**

Banhos de Agua Termal — Banhos de Agua do Mar, quentes — *Banhos Carbo-Gasosos*. — Duches — Irrigações — Pulverisações — Etc.

Fisioterapia: Luz — Calor — Electricidade Medica — Raios Ultra-Violetas — *Diatermia* — Maçagens.

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS
CONSULTA MÉDICA: 9 ás 12

Telefone: E. 72

MAGAZINE
BERTRAND

**CONTINUA A MANTER
A SUA SUPREMACIA
LEIAM O NÚMERO DE OUTUBRO**

Sociedade Gráfica Editorial

S. A. R. L.

Rua da Alegria, 30 — LISBOA

TRICROMIA

DESENHO

TRABALHOS DE
GRANDE ARTE

TRABALHOS
COMERCIAIS

INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO

ORÇAMENTOS
GRATIS

**SECÇÃO ESPECIAL
DE PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS ULTRA-
- - - RÁPIDAS - - -**

E' nas oficinas desta
Sociedade que se im-
primem todos os be-
los trabalhos grá-
ficos de

Ilustração

Magazine Bertrand

O Volante

**Historia da Litera-
tura Portuguesa
(Ilustrada)**

**O Comercio
Português**

Almanach Bertrand

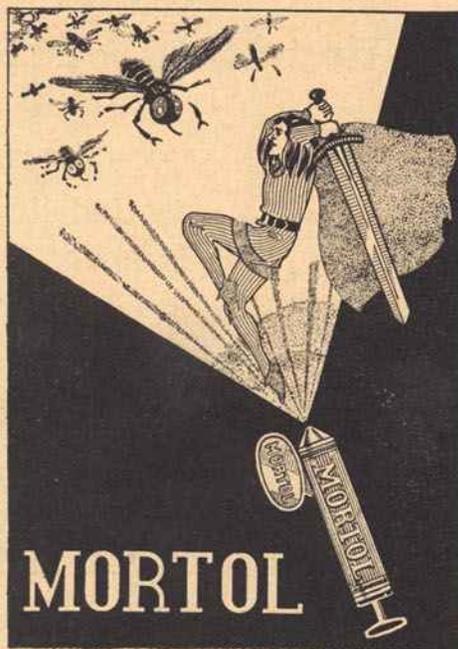
As mais modernas insta-
lações do paiz e aquelas
que maior capacidade de
produção possuem - - -

**COMPOSIÇÃO
MECANICA**

**EIS O INSECTICIDA LIQUIDO
POR EXCELENCIA**

MORTOL

(MARCA REGISTRADA)



O INSECTICIDA MORTOL

**POSSUI UMA EFICÁCIA DE 30 % SUPERIOR
A QUALQUER OUTRO**

A' venda nas principais drogarias, mercearias, etc., e por grosso na

Shell Company of Portugal, Limited

RUA DO CRUCIFIXO N.º 49

Delegações em Porto, Coimbra e Faro

Agencias em todo o País

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO

R. Cecílio de Sousa, 77-1.º

(Ant. R. da Prociissão)

Telef.: 2 1467

EDITOR: Augusto Brito

ANO 5.º — NÚMERO 115

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:

JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR:

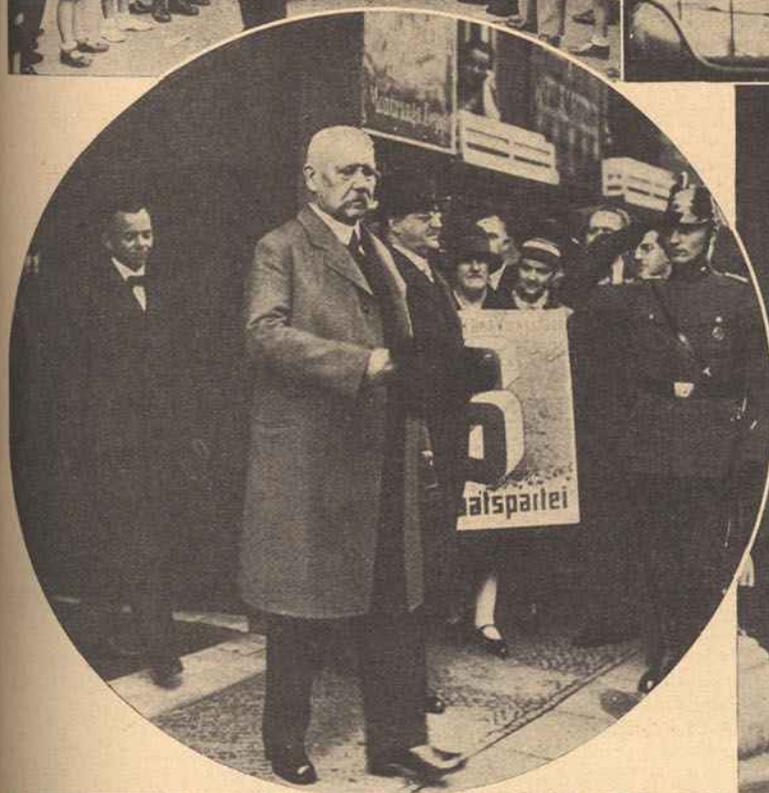
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE DE:
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
E
AILLAUD LTD.

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef.: 2 3132

1 DE OUTUBRO DE 1930



AS ELEIÇÕES ALEMÃS — REPRODUZIMOS ALGUMAS FASES PITORESCAS DO GRANDE PRÉLIO ELEITORAL ALEMÃO, QUE, PELOS SEUS RESULTADOS, DEU UMA SEGURA INDICAÇÃO PARA O CURSO DA POLÍTICA EUROPEIA DO FUTURO. DA ESQUERDA PARA A DIREITA E DE CIMA PARA BAIXO: UM DOENTE LEVADO AS URNAS DE MACA; UMA VOTANTE ENXERBANDO O SEU DEBITO NA SUA CAMA DO HOSPITAL WIRCHOW; HINDENBURGO, O VELHO MARCHEAL DO KAISER, ACTUAL PRESIDENTE DA REPÚBLICA, SAINDO DA SECÇÃO ONDE VOTOU; MR. SCHREIBER SAINDO TAMBÉM DA VOTAÇÃO; MAIS OUTROS INVÁLIDOS QUE VOTAM E, FINALMENTE, UM ENFERMO QUE ELABORA A SUA LISTA NO SEGREDO ELEITORAL MANTIDO POR UM GUARDA-CHUVA

(Fotos Orrios especiais para ilustrações)

CRONICA DA QUINZENA

Na filarmónica de Genebra, vulgarmente chamada Sociedade das Nações, tem havido muitas e graves desafinações, mas por enquanto ainda se não desencadeou a guerra, todos à espera dum *casus belli* para se lançarem uns contra os outros. A paz assegurada pelo Tratado de Versailes deve estar prestes a expirar; mas não há elementos que permitam, desde já, com razoável aproximação, fixar esse termo, sendo certo, para todos, que além de inevitável, a guerra deve ser próxima.

Os concertos de Genebra, cantoria e música, tem servido para entreter o público e dar tempo a que cada qual se arme e apetreche para a luta fatal. Se em todos os Países se tivesse, desde 1918, trabalhado para a paz como se tem trabalhado para a guerra, não diremos que tivéssemos paz assegurada por séculos, menos ainda que nunca mais tivéssemos guerra, mas não estariam hoje os combatentes de ontem verificando o estado das suas armas, que duma hora para outra lhes podem ser precisas.

Que arranjos se farão para a próxima guerra, de modo a que as forças, dum lado e outro, aproximadamente se equivalham?

A este respeito, e na hora que passa, tudo quanto se diga é meramente conjectural, tudo quanto se pense, não sendo manifestamente absurdo, é simplesmente possível, quando muito provável em grau mais ou menos elevado.

Quem romperá a marcha guerreira?

Será o que nisso tiver, ou supuzer que tem, mais vantagem.

Em 1914 foi a Alemanha quem desencadeou a tempestade, fazendo marchar a Austria contra a Sérvia, e logo a seguir marchando ela contra a França, sem o mínimo respeito pela neutralidade garantida da Bélgica. A Inglaterra viu-se obrigada a sair da sua calculada indecisão, quando viu que dominada a Bélgica e vencida a França, sem tardança bateria a sua hora de ajustar velhas contas, velhas e complicadas, com a sua temível rival.

E agora?

Subsistindo a pequena Entente, e chegando a acôrdo Berlim e Moscou, é natural que a Alemanha se empenhe em que o cilindro russo, como se rolasse do cimo dos Urais, se encaminhe para o ocidente, no propósito de tirar à França o auxilio da Romenia, da Yugo-Slávica e da Tcheco-Slováquia, possi-

velmente também da Polónia. Estas quatro Potências, das quais só as três primeiras constituem esse arranjo político que se chama a Pequena Entente, representam qualquer coisa como 70 milhões de habitantes, o que iguala a população da Alemanha antes da guerra. Se a Rússia, com os seus 140 milhões de habitantes, conseguisse cilindrar esta vastíssima superfície, pondo as respectivas Nações fora de combate, ou reduzindo-as a uma notável inferioridade, a Alemanha faria então fácil marcha em direcção a Paris, mesmo que a não ajudasse a Itália.

E a Inglaterra?

A Inglaterra prepara-se para não entrar na contenda, alegando que não é potência europeia. Se assim fôr, maus dias estão reservados à França, a-pesar de tudo menos inimiga da Alemanha do que ela. Simplesmente a Inglaterra há-de pensar duas vezes antes de alhear-se duma guerra na Europa, cujo mapa seria refeito segundo o bom querer do alemão e do russo, tódas as demais Nações entrando na esfera da influência económica, política e administrativa dum ou outro dos dois colossos. A Inglaterra não pode alterar a sua situação geográfica, cabeça dum corpo cujas *membra dejecta* tendem a uma independência completa, cada um fazendo a sua vida própria. Isto quer dizer que a Inglaterra é, de tódas as grandes Nações da Europa, a que mais arriscada está a deixar de o ser, Metrópole sem colónias, como tal não podendo já considerar-se os seus domínios, a despeito da *unidade moral* que ainda afecta o Império.

Por sua vez a Itália, por muito que deseje ver diminuída a França, reduzida a uma Potência de segunda ordem, terá sempre em consideração que uma Austria reconstituída e engrandecida em paga de serviços prestados à Alemanha, realizando-se a hipótese que figuramos, uma tal Nação austriaca seria para ela uma sentença de morte. Nunca mais ela teria a guarda do Adriatico, e a sua *unidade*, feita heroicamente em 1870, difficilmente subsistiria, podendo até dar-se o caso de se restabelecerem os Estados Pontificios, desaparecendo o ridículo artificio que foi a criação da Cidade Vaticana.

E nós?

Pouco teríamos a recer, no caso duma conflagração europeia, nas condições previstas, se não fôssemos uma Nação colonial. Fácilmente nos deixariam tranqüilos, neu-

tros entre os vários contendores, acomodados numa tática ou espessa neutralidade, que não poderíamos garantir pela força das armas. Mas as nossas colónias são cubiçadas por muitos, cubiçadas mesmo pelas Nações coloniais. É preciso não esquecer que antes de 1914 a sua partilha fôra ajustada entre a Inglaterra e a Alemanha, só não se efectuando o negócio por ter sobrevivido a guerra.

Até agora o problema da nossa vida de relações era simples e fácil — amigos de todos e aliados da Inglaterra. Mas até agora a Inglaterra era a maior potência naval do mundo; estava-lhe assegurado o domínio dos mares. Assim ela pode viver num *esplêndido isolamento*, sempre ligada a nós por tratados seculares, e não procurando nem querendo outras alianças, por delas não ter necessidade.

Mas agora?

Pena foi que em 1914, ao entrarmos na guerra, não tivéssemos actualizado a nossa aliança, obsoleta nos termos em que estão redigidas muitas das suas disposições, omissa a respeito de problemas que podem surgir, exigindo soluções precisas e rigorosas.

O que se deu agora, em Genebra, abandonados pela Inglaterra num pleito em que podia e devia entrar a nosso favor, deve servir-nos de aviso, para bem dirigirmos a nossa política de relações.

Sómos uma grande potência colonial; a Sociedade das Nações ocupa-se de tudo quanto às Colónias diz respeito, não sendo de espantar que um belo dia se meta a dispor delas como se fôssem roupa de franceses. Pois não ocupamos ainda um lugar no *Conselho permanente* daquela extraordinária Assembleia, sempre preteridos por quem não possui, para o ocupar, melhores títulos do que nós.

O sentimento geral, na França, é duma guerra inevitável e próxima, guerra que nem todos querem, naturalmente, e muitos desejam, por motivos de vária ordem.

Mais do que nunca convém advogar a causa da paz, não em discursos farfalhados, mas pelos meios eficazes porque é possível evitar a guerra.

Ao velho e desacreditado aforismo — si vis pacem para bellum, é preciso substituir este preceito racional e scientifico — quem quer a paz... prepara a paz.

BRITO CAMACHO.

ACTUALIDADES DA QUINZENA

O NAVIO-ESCOLA «CRISTOFORO
COLOMBO»
EM LISBOA

A ESQUERDA — NA LEGAÇÃO DE ITALIA — Aspecto da assistência ao clã oferecido aos oficiais daquele barco

A DIREITA — O interessante navio, que lembra, pela configuração, as nossas antigas caravelas, visto pela proa

EM BAIXO — NA LEGAÇÃO DE FRANÇA — A assistência ao banquete oferecido ao sr. Luis Marin



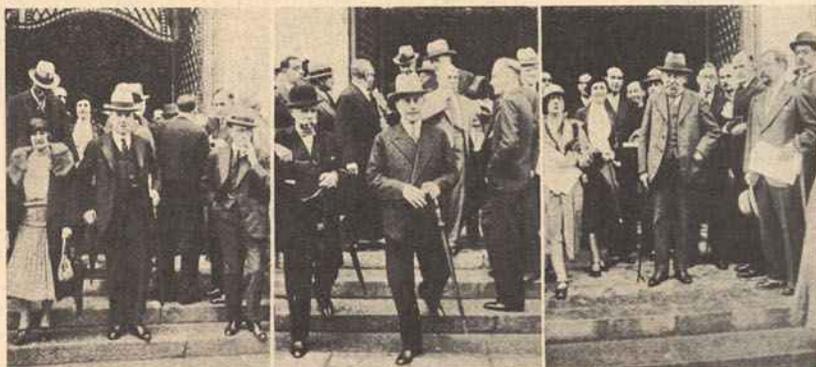
O sr. Luis Marin, notável político e ilustre homem de ciência, que presidiu brilhantemente às sessões do Congresso de Antropologia efectuada em Coimbra



EM CIMA — EM ALVITO — Uma caçada nas propriedades do abastado lavrador sr. António Manuel Narciso de Góis

SOCIEDADE DAS NAÇÕES

A direita — Três das suas figuras altamente representativas à saída duma das mais importantes sessões efectuadas em Genebra: Henderson, delegado da Inglaterra, Curtius, da Alemanha, e Briand, da França



EM CIMA — Festas de beneficência, no parque Basílio Teles, a favor da Misericórdia de Matosinhos. Um grupo de gentis scuboras, em trajes regionais, que, em interessantes barracas, serviram chá e caldo verde

(Foto Alvaro Martins)



PRAIAS EUROPEIAS EM PORTUGAL

A ESQUERDA — PRAIA DE MOLEDO DO MINHO — Um grupo de formosas banhistas posando expressamente para *Ilustração*

A DIREITA — VIANA DO CASTELO — Três amiguinhos da nossa revista



A DIREITA — Banhos de sol na praia de Moledo do Minho

EM BAIXO — Quatro formosas sercias que levaram a Moledo do Minho deliciosos aspectos europeus

(Fotos Aureliano Carneiro, exclusivos e especiais para *Ilustração*).



NO MEDALHÃO DA DIREITA — ESTORIL — Ao entrar no banho...

NO MEDALHÃO DO MEIO — Um aspecto do banho na praia do Estoril

NA OVAL DA DIREITA — Como o fotógrafo da *Ilustração* as apanha em flagrante...

(Fotos J. Torres de Carvalho)



A ESQUERDA — O general Weyler, famoso cabo de guerra, que completou ultimamente 92 anos

A DIREITA — As rodas e amortecedores do avião Junker's «G. 38», autêntico gigante aéreo que pesa 27 toneladas e atinge 200 quilómetros à hora



EM FAIXO — Os oradores do comício anti-monárquico do Cine-Europa, de Madrid. Da esquerda para a direita: Hernandez, sr.^o Hindelgar, Besteiro, Carrilho e Saborit



O grande dramaturgo italiano Pirandello, recém-chegado a New York, afirmou a um jornalista que se retirara para a América por achar intolerável a vida na Europa



EM CIMA — NA POVOA DE VARZIM — Dois aspectos da procissão efectuada no decurso das deslumbrantes Festas de Setembro

NA OVAL — A procissão passando na Avenida Beira-Mar



O chefe de Estado procedendo à cerimónia do lançamento da canhoneira Lages.
A ESQUERDA — O sr. general Carmona com os operários do Arsenal condecorados com a Ordem de Mérito Agrícola e Industrial.

EM BAIXO — A canhoneira entrando no Tejo



O sr. general Norton de Matos, ilustre colonianista, cuja conferência em Anvers sobre «A Formação da Nação Portuguesa», feita a convite do governo belga, a pretexto da Grande Exposição Colonial que se realiza naquela cidade, obteve um assinalado êxito, que, muito honrando o ilustre homem público, muito honra Portugal.



Casamento da doutora sr.^a D. Raquel Cabeçadas com o sr. Dr. Joaquim Pereira Leite, celebrado na igreja de S. Sebastião da Pedreira. Da noiva foram padrinhos o sr. comandante Mendes Cabeçadas e esposa, e do noivo seus pais, almirante Pereira Leite e esposa.
A DREITA — Casamento, celebrado na igreja de S. Domingos, da sr.^a D. Maria Natividade Figueiredo Pereira com o comerciante sr. Abel Carvalho da Silva.

SEU FILHO É

UM SNOB?

EDNA BRAND MAIN

O que é snobismo? É predicado muito comum? Haverá no leitor alguma coisa de snob? É bom o snobismo? É mau? O que se esconde por detrás d'êlo? Que vem afinal a existir no conteúdo dessa palavra?

O snobismo, quando examinado seriamente, redanda numa das mais interessantes e esclarecedoras características da raça humana. Mostra dum modo subtil o que é um individuo e, se este é ainda criança, dá a conhecer os pais. O snobismo revela mesmo aquilo de que o snob, felizmente, não dá conta em si próprio. Há uma excelente doutrina ortodoxa, formulada, julgo eu, por Alfredo Adler, famoso psico-artista de Viena e autor da teoria do Exponente da Inferioridade, doutrina essa segundo a qual o snob limita o círculo em que vive porque tem receio de que se descubra estar êle muito abaixo do seu ideal. É o medo que se acoberta quasi sempre sob o mais basililar tipo de snobismo.

Tomemos para exemplo o caso dum filho único que foi educado pela adoração dos pais, na crença de que ninguém lá no mundo que lhe seja igual. Anda constantemente na roda dos individuos mais crescidos, especialmente na dos seus parentes. Sente-se duplamente feliz: primeiro, porque se julga em segurança; em segundo lugar porque os da sua roda se sentem lisongeados pela dependência em que êle se encontra.

E o moço em questão jámais aprende a andar com os seu signais. As situações favoráveis e desfavoráveis nos jogos infantis, a habilidade para conservar o que lhe pertence, o andar por seu próprio pé na existência, a capacidade para guiar os outros ou segui-los, tudo isto constitui um conjunto de condições e qualidades que a criança referida jámais possuirá nem tão pouco compreenderá como lições da vida, por lho impedirem as barreiras do seu lar. O que êle sabe porque assim o ensinaram é que é uma criatura superior. Mas, ao mesmo tempo sabe também que em contacto com as outras crianças não lhe é possível provar semelhante superioridade: elas não precisam d'êlo e olham-no com sobranceira. A criatura será, pois, para nos servirmos da frase de Adler, «um individuo que vive em terra inimiga».

O facto de êle, em vez de se lançar ao ataque e à carga, se refugiar por detrás dum anteparo

de futilidade para se esconder a si próprio e à sua fraqueza é por demais usual. O anteparo de que se utiliza contra o inimigo é o snobismo.

O caminho saudável que os pais inquiram para resolver o problema da existência da criança em questão é irem-no introduzindo, gradual e teimosamente, em situações sociais aonde ela irá aprender — embora mais tardiamente do que seria para desejar — qual a marcha a dar à existência para ganhar a necessária independência. E a criatura convencer-se há então de que, comparada com as outras crianças, é uma autêntica maravilha. E os pais que lhe haviam permitido o desenvolver-se em tão insalubre e sufocante atmosfera, não darão contas tão cedo dos perigos para onde guiaram o filho. Continuarão a guiá-lo, a insuflar-lhe veleidades de se escapar a qualquer dependência e a assoprar-lhe a noção exagerada de que êle possui de si próprio.

O que poderá acontecer já nós o sabemos. A criança torna-se snob e resolve para si o duplo problema... Nem êle nem os seus testemunharão a derrota que receavam. Pelo que lhe diz respeito, continuará com a convicção suprema da sua superioridade, pondo de parte tudo quanto seja contrário a êsse sentimento de superioridade e o possa desfazer. E apressa-se a apresentar desculpas, bem pouco lisongeiras para outros.

A própria criança encontrará desculpas para o seu exclusivismo e desculpas essas que mais o iludem, mais servem para mascarar a sua real cobardia. «Não me interessam as crianças» — dirá. — «São muito sensaboronas», ou «Estão muito sujas». E ainda: «As brincadeiras delas são muito estúpidas».

Ouve estas desculpas a um jovem snob intelectual, o qual possuía uma figura desageitada, maneiras grosseiras e uma personalidade em demasia embirante. De resto, êle próprio o reconhecia: a coisa única de que estava perfeitamente convencido era de possuir uma brilhante inteligência e mostrava-o dum modo extravagante, zombando com igual extravagância de todas as virtudes que não possuía. E se sentia que tais virtudes não eram boas, julgava-se superior a todos por não as possuir.

Este moço que, durante todos os seus anos de escola jámais quisera abaixar-se a acamaradar com os seus companheiros, disse-me um dia, quando teria aí os seus dezoito anos, só ter considerado por um único amigo e que de boa vontade trocaria os prémios ganhos no colégio em matéria de matemática, pela qualidade de saber dançar com uma rapariga, ou de ser perito em questões de dança como os outros escolares. Hoje encontra-se a contos com uma depressão mental que vai buscar as suas origens ao mesmo sentimento de receio, do qual brotara em tempos o seu snobismo.

Se reconhecermos que o snobismo pode ser muito simplesmente um desgraçado *alibi*, a máscara dum receio básico e um sentimento de inferioridade, fácil será perceber por que razão o snob é tantas vezes profundamente infeliz. Esse snob precisa duma cuidadosa e experimentada análise: na maioria dos casos necessitaria dum guia carinhoso.

O snobismo nem sempre reflecte um profundo e sério conflito na personalidade do seu possuidor. A sua base é vulgarmente mais simples e fácil de caracterizar.

A maior parte das características do snobismo pode ser referida à imitação. Quando ouvirmos uma criança de quatro anos afirmar redondamente à cozinheira: «Você não é mais do que minha criada», ou quando o patrão de oito anos olhar altivamente para a criada de quarto e lhe disser: «Bem: agora pode-se retirar!» estejamos certos de que a criança esta muito simplesmente imitando o tom e a atitude dos pais.

Presenciei por várias vezes casos semelhantes que me encheram de vergonha e de raiva contra pais que estão moldando a matéria plástica — que é o espírito de seus filhos — por uma forma tão desastrada, tão vulgar e reles.

Enquanto uma criança não atingiu a idade suficiente para reflectir sobre o que faz, não a poderemos considerar como snob, mas sim mal criada e grosseira. O pior é que as maneiras incorrectas acabam por se tornar um hábito inveterado e lançam raízes, servindo até como de justificação para tudo.

Uma criança que reconheça estar sendo grosseira mas superior aos criados, vai-se gradualmente imbuidando da ideia, e sem dar por isso, de que está muito acima d'êles e que, sendo-lhes superior, forçosamente procederá bem em todos os casos. Este é o primeiro e quasi lógico passo da sua vida de snob. Sim: tem dinheiro, apesentos melhores do que os d'êles, um automóvel. Sente-se, pois, diferente. É por este ponto de vista que êle entra directamente na classe dos snobs. Definuiu a sua superioridade nos termos: dinheiro, posição social, pequenos valores accidentais, etc., embora nada disso tenha alguma coisa que ver com o valor real.

Essa criança, partindo das condições incidentais do seu lar e continuando como snob uma vida de inercia mental e de ausência completa de claro entendimento, vai um dia para a escola.

Novos perigos a rodeiam então. Pode tratar-se duma escola particular, o que em si é bastante detestável. Por mim julgo que, no seu conjunto, as escolas públicas, em cidades de super-população, são sempre piores do que certas escolas particulares progressivas e nas quais existe uma livre camaradagem e um ar perfeitamente democrático. Mas, consideremos tipo geral da escola particular, mediocre e muito comum, o tipo consabido de escolas sem camaradagem. Ainda há pouco tempo visitei uma e fui nessa visita acompanhado pelo director que pelo caminho me foi apontando as crianças de maior categoria. «Este é filho do dr. Fulano» (um doutor muito rico e muito em moda); «aquele menino acolá, de vestido de veludo, é o filho do sr. doutor» (aqui o nome dum advogado muito rico e muito célebre). «Venha cá, minha joiasinha: quero apresentá-la a esta senhora! Esta menina é a filha do sr. X (um político muito em evidência e pôdre de rico).

Fácilmente se poderá ver que numa tal atmosfera as crianças aprendem logo a ligar valor a tudo que seja mau, a considerar-se como grupos à parte e a seleccionar para homenagem especial aqueles que os mestres admiraram, isto é, os que forem mais ricos e mais bem vestidos.

Semelhantes escolas são simples chocadeiras de snobs. Não são, porém, as escolas particulares as que possuem o monopólio a esse respeito. Ainda há dias os jornais falavam de tumultos numa grande escola, tumultos esses sucedidos num estabelecimento de instrução pública em Gary, na Indiana, e que tiveram como motivo a opposição feita à admissão de vinte e quatro estudantes negros. O inspector das escolas continuava combatendo o cruel snobismo de semelhante opposição mas, conforme dizem os aludidos jornais, um grave problema o está preocupando: «Os amotinados dizem ter por seu lado os pais e os homens de negócio de Gary. Preciosa confissão! Esses alunos que em tão verdes anos já seguem e reforçam a atitude de seus progenitores contra a população negra — uma atitude que, sendo hostil e insultante, nasce dum sentimento orgulhoso de superioridade! — estão dando a conhecer o que será a sua conduta quando atingirem a idade madura!»

E não se resume a uma simples aversão de raça a atitude destas crianças para com os negros... Os próprios lares, antes mesmo que as crianças vão para a escola, se encarregam de os prover de atitudes cheias de sobrançeria para com outras «raças inferiores» e cujas variedades a «raça superior» não quer admitir.

Digamos desde já ser-nos impossível atribuir

ao instinto semelhantes prejuizos e preconceitos. A nosso ver não passam de produtos do meio ambiente. Uma criança que não ensinaram a preocupar-se com questões desta natureza, tanto lhe faz que um fulano seja preto, branco ou amarelo. O caso já foi demonstrado experimentalmente. Os fortes antagonismos que sentimos quando adultos são o resultado de sugestões que recebemos muito antes ou de um contacto muito restricto com maus especimens de uma raça: a ignorância leva-nos a generalizar e a condená-la em bloco!

Se nos quisermos elucidar a respeito da questão da inferioridade da raça, poderemos consultar autoridades eminentes, por exemplo o dr. Franz Boas, professor de antropologia na Universidade de Columbia e um dos maiores antropologistas do mundo inteiro. Depois de ter gasto metade da vida a estudar, a medir e observar as capacidades, aptidões e caracteres raciais dos vários povos do globo, esse famoso cientista mostrou-nos o falacioso da tal teoria da superioridade da raça. Para elle «o contraste entre os grupos raciais são menores do que os existentes entre as várias famílias duma população. Podemos considerar como inteiramente infundados os argumentos que se baseiam sobre uma pretendida superioridade dos vários grupos europeus e asiáticos».

Não há, pois, justificação possível para os nossos prejuizos de raça e, sobretudo, sombra de desculpa para o facto de se transmitir às crianças ideias tais como as que vulgarmente circulam entre certas classes e as quais ideias vão cobrir de opróbio as raças em questão. As escolas alguma coisa podem fazer para contrariar esse snobismo racial, promovendo a camaradagem entre essas raças e dando-as a conhecer por meio do estudo. Para combater o snobismo nada há como a intelligência.

Mas voltemos aos colégios. Qual deverá ser o seu papel? Ou masi particularmente: qual deverá ser a acção da fraternidade? A fraternidade escolar é, penso eu, a mais estúpida instituição snobística de todo o mundo e mais cruel do que nenhuma outra. Recentemente recebi uma carta que uma mãe me enviou contando-me a vida de seu filho no colégio: a vida do rapaz estava arruinada em virtude de com elle não acamara-darem os outros escolares. E o moço só nisso pensava e em nada mais. Dizia-me a pobre senhora que talvez o caso não fosse tão feio como pensava e que durante os dez anos que lhe faltavam para concluir os estudos possivelmente o caso mudaria ainda de figura... Mas, perguntava: o que se poderia fazer presentemente, visto o rapaz estar desesperado com o caso?

Que deveria fazer? E elle? Não consegui responder satisfatoriamente...

O sistema da fraternidade é tão mau para o homem que a dentro delle se sente favorecido, como para quem delle é excluído. A uns dá-lhes uma existência demasiado luxuosa que por forma alguma se compadece com os seus haveres desde que voltem ao lar: enche-os de sonhos irrealizáveis, fá-los viver numa atmosfera de conforto irreal e perigoso. A outros enche-os duma vaidade que pela vida fora só prejudicial lhes pode ser.

Não quer isto dizer, porém, que a fraternidade não ofereça também privilégios e vantagens. Woodrow Wilson, quando foi presidente do Princetown, abriu combate contra os *Eating Clubs*, organizações do mais extremado snobismo, que se confinavam a dentro do maior orgulho e abrangiam cerca de vinte por cento dos estudantes: estes afastavam-se da maioria e professavam ideias anti-democráticas... E o caso é que Wilson perdeu a partida.

Semelhantes manifestações de snobismo constituem um triste comentário às nossas instituições de ensino superior.

Não podemos, porém, censurar os colégios, atribuindo-lhes exclusivamente a produção de snobs. A incubação do snobismo começa logo no lar paterno. Se aqui se desse à criança uma educação genuinamente democrática, quando ella fosse para o colégio estaria mais do que habilitada a proceder com respeito e tolerância a respeito dos outros e a arcar com a influencia das fraternidades escolares ou a pô-las de parte com êxito.

Em suma: fazer duma criança um ser humano superior e não um snob, exige três coisas:

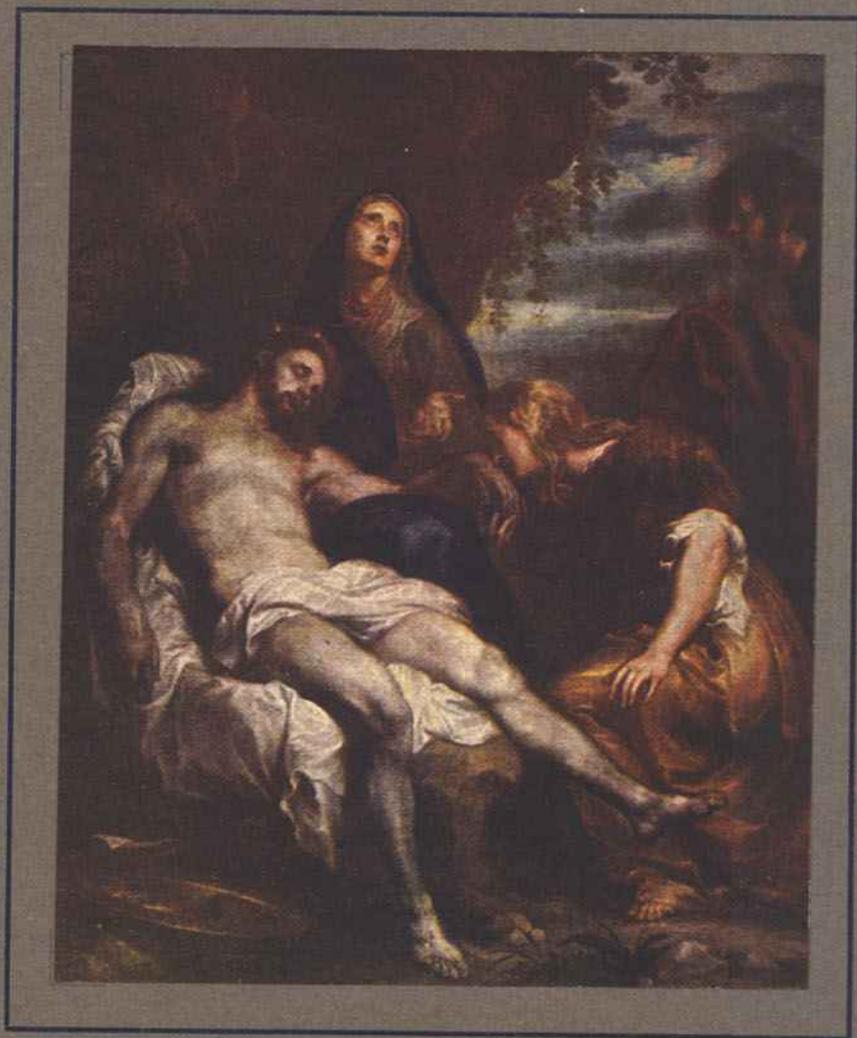
1.º — O convencerem-se os pais de que o snobismo, seja elle de que qualidade for — dinheiro, familia ou raça — é coisa muito para lamentar e deplorar; que o snobismo, no intimo, significa e patenteia péssima educação; que o snob é, afinal de coisas, uma criatura assoprada; que se agita a dentro do egoismo, do orgulho, da arrogancia dominadora, mas que afinal de contas redundará num ser digno de piedade.

2.º — Que os preconceitos e o snobismo não teem a desculpa de ser instinctivos. O snobismo revela: ou inferioridade básica — e nesse caso require a intervenção da hygiene mental — ou é o resultado da imitação e da deformação, no que desempenham o principal papel o lar (este acima de todos), as escolas, os magazines, os jornais, etc.

3.º — Que o respeito fundamental pela individualidade dos outros seres é incompatível com o snobismo e constitui prova de real finura de espirito.

MUSEU DO PRADO

MADRID



VAN DYCK

A
Virgem
das
Angustias

A VERDADEIRA DAMA DAS CAMÉLIAS

Criar personagens é para o homem de letras uma paternidade surpreendente. É uma paternidade premeditada e certa, quer pelo grotesco, quer pelo virtuoso, quer pela monstruosidade. Contudo, criar, não significa eivar personagens de taras ou qualidades do seu autor. Criar é uma faceta do talento, onde, mas letras, hão a conjugar-se tôdas as modalidades da nossa vida de imagens, de sons e de cores. O architecto dispõe da pedra, do estilo, da estética; o compositor das harmonias, que são, em forma elástica e abemolada, a vagueza dos sentimentos e dos resurgimentos; o pintor da imobilidade copiada que colora num nível; o escultor da imobilidade exacta, que facilmente lhe é pousante com os seus relêvos. A literatura, porém, é uma amalgama de todos estes prestigios da vida, com mais aqueles que se tornam lástimas. Ninguém pode traduzir o silêncio senão o literato; ninguém pode «mostrar» a um cego um sol brilhante, a mudez de uma alma, a constelação de um céu, a forma do que se não ouve, senão o livro em prosa ou verso. Depois dela, a música, que é mais do que uma arte, porque é um dom, vem dar-lhe o complemento: ou seja, cadenciá-lo que a cegueira que «vin» porque ouviu, estabeleceu como plasticidade, movimento e comunhão, em coerência de integros sentidos.

Quem foi Werther? Goethe, um pouco, na sua mocidade. Quem foi a Dama das Camélias? Quem foi Armand Duval? Dumas?! Cada ledor se encontra, a cada passo, nas criações ou nas cópias da vasta galeria humana. Mas a Dama das Camélias? Foi uma invenção ou um decalque? Alphonsine, simples Alphonsine, foi nascida em 1824, filha de um bufarinheiro, que pobre, a manda-

va, em tenra idade, mendigar de porta em porta. Alphonsine, foi depois, lavadeira, modista... no Bairro Latino, acamaradou com os estudantes; com eles alegrou essa vida de boémia heróica, artística e destemida, d'esses gostosos e fáceis tempos das tumultuosas noites de circo, das noites galantes, aonde a sociedade ia mesclar-se ao «demi-monde» e às raparigas do «Palais Royal». Um mesoneiro da rua Montpensier, instalou-a e baptizou-a: Marie Duplessis. Maria Duplessis, entre os seus móveis, sob o seu primeiro tecto, cedo aprendeu a ler, a escrever, a conversar, a sorrir e a pedir dinheiro. Era delgada, alta, bruna e de clara tez.

Os seus olhos bisantinos e brilhantes, cativaram. Cedo adorou o luxo; e, o seu casa-

mento com o conde de Saint-Yves não lhe conseguiu acomodar os frenesis galantes. Gastou fortunas. Mudava de adorador semanalmente. Necessitava de riquezas para satisfazer caprichos. O marido amava-a. O coração tem muitos limites, por amar muitas vezes mas sentir uma sómente. O homem habitua-se à fama mas não ao amor. Como poderemos habituar-nos a uma graça adorável?! O amor é um instante do infinito; a glória é um carinho... tumular. Se porém, nos homens, nada os consola do primeiro amor, nas mulheres, o último amor, é sempre a esperança de um outro melhor.

Pelo frio Dezembro de 1846, Marie Duplessis mandou atrelar, uma noite. Nevava. E quando voltou do teatro, dei-

tu-se soffrente; e, nunca mais se levantou para os seus mimos. O marido embalou-lhe a agonia. Quando os credores invadiram a casa garrida, viram uma linda morta, tendo nas mãos alvas e belas, um crucifixo e uma camélia. Alphonsine era de vinte e três anos: a idade de uma noiva que julga irá caminhar para a ventura!..

Alphonsine ou Marie Duplessis, está enterrada, há oitenta e quatro anos, no cemitério de Montmartre, à sombra dos cedros que rechinam tristemente sobre a sua sepultura sarmentosa e esquecida. Poucos sabem ou se interessam por Dumas filho, o qual aviventa ainda essa Marguerite Gautier, cuja história, em todos os livreiros do mundo, certamente, à hora em que escrevo, estará, ou pela recordação, ou, pela leitura, como vendo muitas almas atentas, se bem que, perduravelmente, o amor tenha a duração de uma rosa e a glória a duração de uma ossada.

JAIMÉ
DE BALSEMÃO.



QUINZENA DESPORTIVA

A época atlética de 1930 pode considerar-se terminada, ainda que reste a disputar o I Coimbra-Lisboa, relegado para uma tardia segunda quinzena de Outubro.

O mais nobre, o mais natural de todos os desportos, vivendo em Portugal numa atmosfera de dificuldades, continúa vincando anualmente o seu progresso, embora não tão depressa quanto seria para desejar.

Lisboa, que mantém ainda a supremacia no atletismo nacional, não possui uma única pista capaz, as provas são disputadas em condições deficientes e o treino dos atletas, sobre terrenos de football, rijos, irregulares, sujeita os músculos a esforços arrastantes, no perigo permanente de distensões e acidentias.

Apesar de tudo isto, trabalha-se e progride-se; a época de 1930 trouxe-nos o melhoramento de treze records nacionais, o que é um activo interessante para fecho de balanço.

E muito lamentável que a Municipalidade, cuja iniciativa não desmente e cuja folha de serviços à cidade é larga, não dispense à actividade desportiva dos lisboetas a atenção que era de justiça. Reconhecendo-se a impossibilidade financeira das colectividões perante obras de vasta envergadura, compelia ao Município a construção de um Estádio completo, moderno, apresentável, entregue à jurisdição das Federações oficiais e onde passariam a disputar-se as nossas provas internacionais e concursos mais importantes. Só assim poderíamos ter a pista de cinza indispensável, o campo relvado sem o qual o nosso valor internacional estagnar-se-á. Como exigir dos nossos rapazes proezas de elevado valor, não lhes proporcionando os mais simples meios favoráveis à sua acção?

Os nadadores portugueses, companheiros de privação dos atletas, estão hoje favorecidos pela construção da magnífica piscina de Algés; têm, presentemente, onde aperfeiçoar o seu estilo, onde seguir um treino melódico e persistente. Quando poderemos dizer o mesmo dos corredores lisboetas? Quando surgirá entre nós a iniciativa benemerita da construção de uma pista de cinza? Aquilo que o Académico arrojadamente preparou no seu Estádio do Lima, quem o ofertará à prática dos atletas da capital?

«RECORDS» DO MUNDO

O mês que decorre tem sido, por esse mundo, rico em extraordinárias proezas de atletismo,

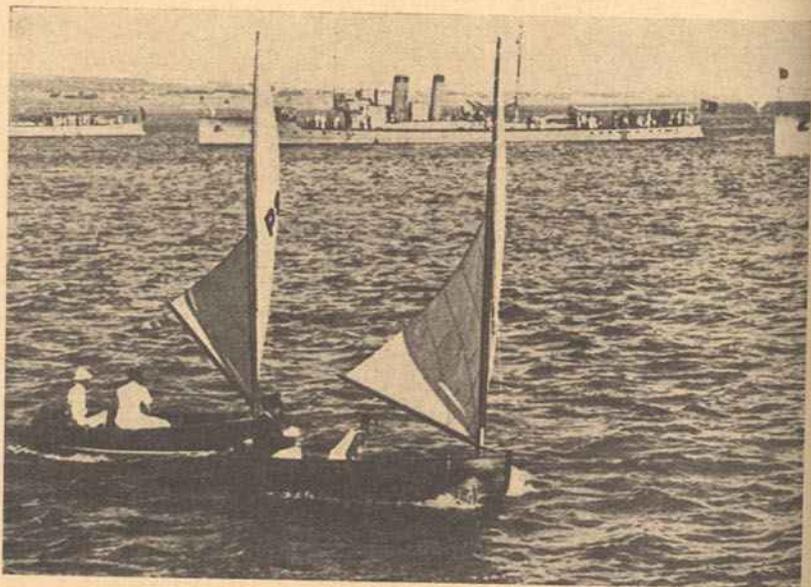
tendo-nos proporcionado já a queda de dois records mundiais.

Nos campeonatos da América, torneio que anualmente fornece resultados notáveis, Paulo Jessup, um estudante universitário lançou o disco a 51^m,58, batendo o record mundial por quasi dois metros, e ultrapassando o cabo dos cinquenta metros, que era considerado como um limite utópico na especialidade.

Nos mesmos campeonatos, Anderson, de re-

Entre os restantes vencedores, apontemos também, para completar a informação, o negro Tolan, campeão das 100 jardas em 9["] 2/3, e segundo nas 220 jardas, que Simpson ganhou em 21["] 2/10; Genung, vencedor da meia milha em 1' 53["] 2/3, e Conger, da milha, em 4' 19["] 1/3.

Burg saltou em altura 1^m,95 e de Mers bateu o record da América, do lançamento do dardo, com 67^m,84. Os 400^m barreiras foram percorridos por Pomery em 53["] 1/3.



Uma passagem dos internacionais de 12 pés

gresso da Europa, onde percorrerá as principais nações em triunfantes competições, venceu a corrida de 120 jardas barreiras no tempo de 14["] 2/3, que iguala o record do mundo; finalmente Carlos Brix, outro estudante, bateu o record da América do lançamento do peso, alcançando 13^m,995, menos cinco centímetros do que o record mundial, ainda não homologado, do alemão Hirschfeld.

Enquanto o Novo Mundo assim afirma o valor da sua raça, a velha Europa, em Estocolmo, o glorioso Paavo Nurmi, atleta que não envelhece, aumenta a sua coleção de records do mundo com o dos 20 quilómetros, em 1^h 4' 38["], proeza que nos deixa estupefactos.

Nurmi é, sem dúvida, um fenómeno da corrida pedestre, que, começando nos 1.500 metros, derrubou toda a série de records em distâncias sucessivas, atingindo agora os 20 quilómetros, alcançando amanhã mais longo percurso, e não nos surpreenderá vê-lo em Los Angeles, vencedor da Marathon. Nurmi estabelecerá, assim um novo record difícil de igualar: campeão olímpico em quatro sucessivos jogos: Anvers, em 1920; Paris, em 1924; Amsterdam, em 1928, e Los Angeles em 1932.

A PEQUENA TRAVESSIA DE LISBOA A NADO

As provas de natação em longo percurso são sempre magníficos elementos de propaganda, pela curiosidade pública que despertam e pelo aparato de que se revestem. Ao longo dos oito quilómetros que separam o Terreiro do Paço da praia de Pedrouços, alguns milhares de pessoas se interessaram pelas peripécias da Pequena Travessia e o grande número de embarcações que acompanhavam os nadadores, dando ao rio um magnífico aspecto de animação, era prova evidente do entusiasmo que despertou.

A prova em si, já descrita e comentada nos jornais diários e da especialidade, não nos pode aqui merecer largas referências, que seriam repetições, mas há nos seus detalhes um certo número de pormenores, a que não notámos referências, e que nos parecem dignos de menção ou crítica especiais.

Registemos primeiro, com prazer, que foram 45 os nadadores que partiram e 36 os que chegaram, sendo, portanto, mínimo o número de



O Maritime passa a todo o pano em frente de Cascais



Os monotipos do C. N. P. logo após a largada

As regatas organizadas pelo Club Náutico, no prosseguimento do seu louvável esforço de ressurreição do encantador desporto da vela, chamaram enorme afluência de público e constituíram um ótimo meio de propaganda.

O programa, embora não muito abundante, bastou para animar a baía com o constante deslizar de embarcações velozes, com abaladas de asas brancas lançadas, mar fora, ao sopro rijo do vento. Para quem de terra a elas assiste, as regatas à vela são mais um espectáculo pitoresco apreciado num aspecto geral, do que um concurso desportivo, cujas peripécias emocionam e cujos detalhes prendem a atenção. No desconhecimento completo da forma como decorre a luta, sempre confusa em provas deste género, por falta da mais simples informação, — hoje tão fácil com o emprego dos alto-falantes, — o espectador contenta-se ouvindo de tempos a tempos um tiro, que não sabe se é de largada se de chegada, vendo passar embarcações alvejando sobre o esverdeado do mar no seguindo o vôo sereno e rápido dos aviões no azul trans-

desistências durante o percurso. Havia, porém, quem, a duzentos metros da largada tivesse já cem de atraso, o que não abona grandemente a justificação de disputar uma prova semelhante.

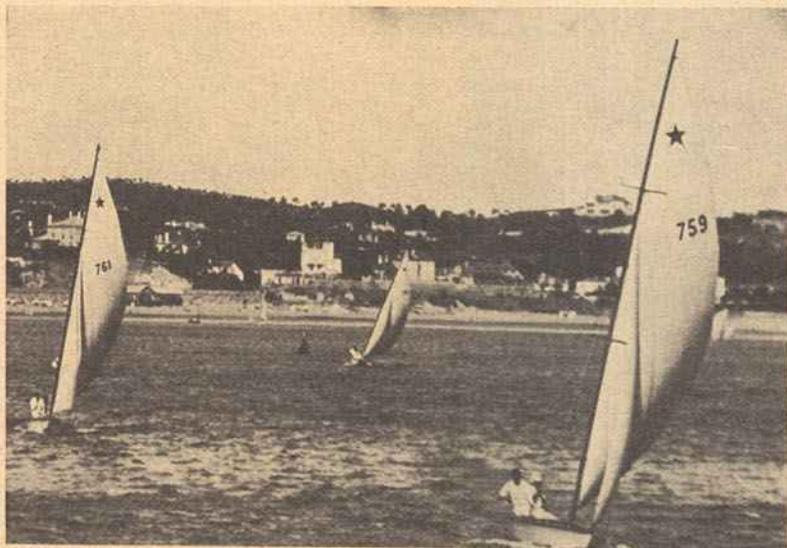
É também curioso notar, como elemento de estudo para o valor da nossa natção desportiva, que o segundo classificado empregou, durante todo o percurso o *over-arm*, estilo sedição que as modernas formas de nadar completamente eliminaram no estrangeiro; entre nós, chega para marcar um dos melhores lugares.

Finalmente, note-se com estranheza que tenha sido consentida a participação de dois concorrentes, após sua rejeição pela junta médica da prova, e mediante apresentação de certificados médicos abonatórios. A entidade organizadora, dando como suficientes estes documentos, cometeu uma incorrecção para com os clínicos cuja colaboração solicitara, desautorizando-os lamentavelmente. O caso merece mais larga referência e é possível que a ele voltemos, censurando a leviandade do procedimento dos dirigentes clubistas, a quem cega a sofreguidão dos louros, ao ponto de esquecerem os naturais escrúpulos de um provável prejuizo aos seus associados, levando-os a esforços nocivos e exagerados, embora vitoriosos.

Deviam, ao menos, servir de emenda, exemplos passados.

AS REGATAS DE CASCAIS

A formosa baía de Cascais viveu, no passado dia 14 de Setembro, mais uma tarde de grande animação.



Os novos «stars» em plena corrida

parente do céu. Tudo isto não importa porém; mercê do atractivo das regatas, alguns milhares de pessoas viveram umas horas em plena natureza, na liberdade sã de uma atmosfera lavada que lhe depurou os pulmões intoxicados de homens da cidade, e muitas outras, apaixonadas do mar, fizeram desporto do melhor, daquele que se pratica para satisfação própria, isento da ambição vaidosa dos aplausos públicos.

SALAZAR CARREIRA.



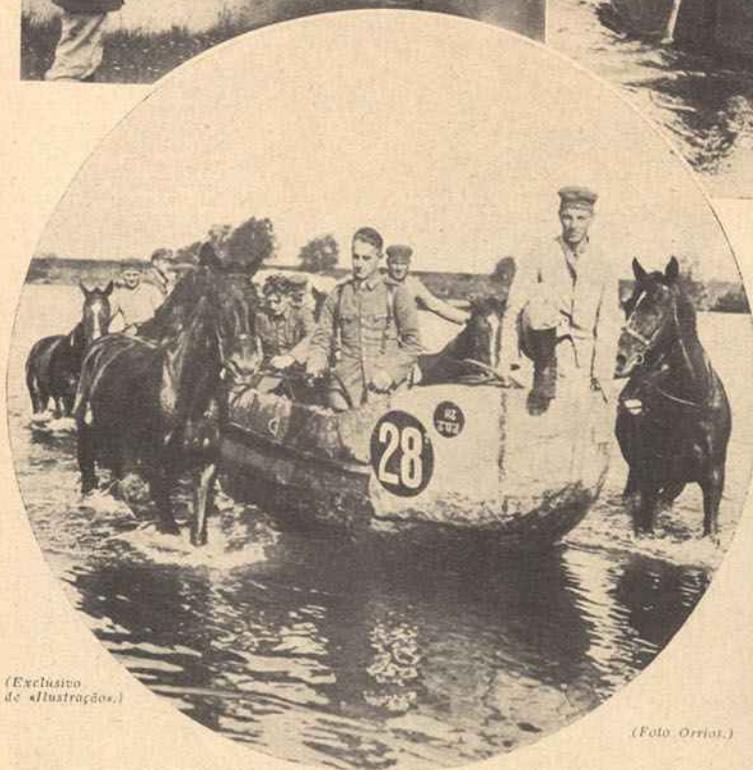
Em cima — A largada da Pequena Travessia de Lisboa



A direita — O escalor da Sagres, vencedor da regata de remos

A PAZIDO MUNDO

Realizaram-se ultimamente, sob os divinos auspícios de Marte, as manobras mais um tanto de esperança para que venha a ser uma milagrosa realidade, num futuro mais ou menos longínquo, esse grande sonho doirado que se chama a Paz Universal — como o leitor poderá apreciar pelo eloquente documentário gráfico que nesta página lhe brindamos...



(Exclusivo de Ilustrações.)

(Foto Orrios.)

Espinho

a praia ibérica

crônica por Guedes de Amorim

DESENHOS DE CARLOS CARNEIRO

As praias do Norte, varandas de areia dourada, varandas sôbre o Mar, lembram-me romarias de gargalhadas, lembram-me baillados de risos, sob o grande lenço de oiro d'êste sol de Verão. Mas, nem tôdas as praias, nem tôdas essas festas de alegria são semelhantes. Logo às portas do Pôrto, a uma curta e rápida viagem de eléctrico, temos a Foz, vestida pelos figurinos da *Femina* e respontada de *chalets* de côres garridas. Há quem pretenda, numa atitude *snob*, comparar a Foz a Biarritz. Sejamos coerentes. Biarritz é a praia, a feira dos milionários, a feira das gargalhadas cosmopolitas. Pelo contrário, a Foz, que é habitada por algumas mulheres que pintam os lábios e por muitas mães, é a praia das crianças. Além, Vila do Conde, a praia das janelas verdes e floridas, de casas alogadas em silêncio, do Casino onde se retallham as *toilettes* e honras alheias. Em Vila do Conde, a praia titular, poucas vezes se ouve o petardo de uma gargalhada; nota-se, porém, que anda tôda a gente a sorrir do seu semelhante... Espreita, mais além, Póvoa de Varzim. O Norte, o Minho dos campos floridos, o Douro dos amplos e verdes vales, Trás-os-Montes, dos montes austeros e rostos sisudos, fizeram desta praia a sua piscina e o seu jardim. Esta praia, painel animado dos poveiros, está, durante os meses doirados, em verdadeira romaria de gargalhadas sádias, bem portuguesas. E agora estas três irmãs, três irmãs-gêmeas nos pergaminhos, mas que vivem indiferentes, quasi zangadas entre si: Miramar, Aguda e Granja. A primeira tem como sentinela Francecos — um apontamento para uma linda praia. Aquelas três riem, riem muito, de tudo, de todos. Miramar, a mais intelectual, a praia de Campos Monteiro e João Grave, ri constantemente para o sol. Aguda, vestida de branco e verde, ri ironicamente das manias aristocráticas da Granja. Esta, a praia onde não se toma banho, espartilhada de um silêncio medieval, ri do burguês e da plebe, das *toilettes* fora de moda e dos cabelos compridos; é, até, por vezes, no seu grande salão nobre, que é a Assembleia, ri de si mesma, comentando o último escândalo, comentando um *flirt*, um adultério ou um original divórcio...

Resta Espinho. Desta viagem apressada, entre toldos, entre janelas fitando o Mar, entre gargalhadas frescas de crianças e risos levianos de mulher, páro aqui, em Espinho, vendo passar as horas, atraído pelas garga-

lhadas luso-espanholas que, desde o balbuciar do dia, voam sôbre a areia e sôbre as avenidas.

Entre as praias do Norte, Espinho tem uma grande, uma importante superioridade de praia-internacional. Eu classifico-a, desde hoje, a Praia-Ibérica. Exagêro? Parece-me que não. Todos os dias, para não dizer a tôdas as horas, os combóios lançam aqui centenas de espanhóis. Ainda há dias um meu camarada, que, freqüentemente, se deixa opiar de neurastenia, se me queixava:

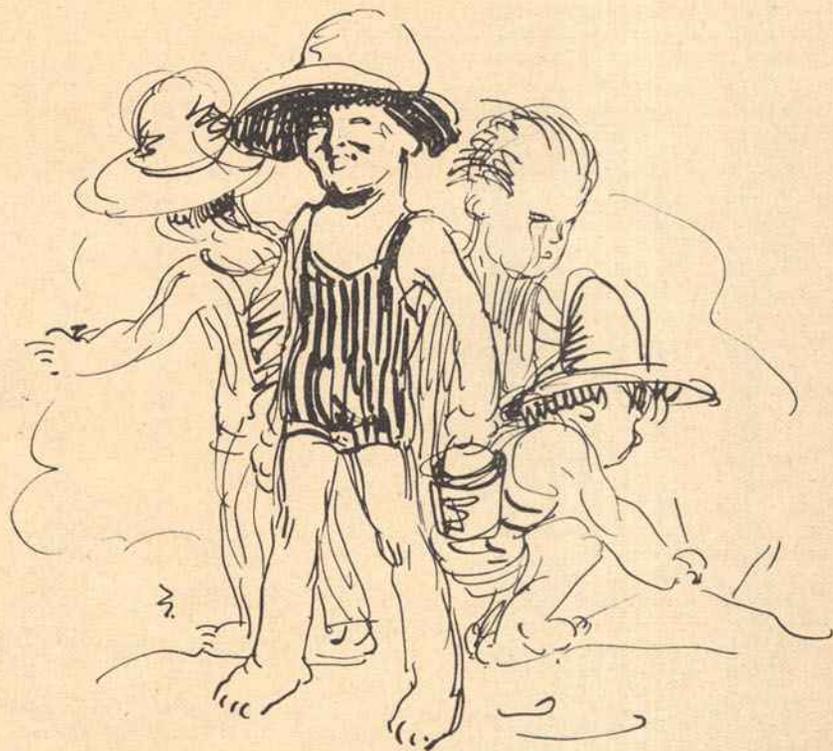
— Espinho transformou-se em praia espanhola?

— Não, meu caro. A Espanha é que veio tomar banho a Espinho — respondi-lhe.

Realmente, parece-me que tôda a Espanha está debruçada nesta praia. A meio da manhã, quando o sol começa a abrir o seu toldo setim doirado, na larga montra da areia, só se ouvem frases no idioma de Cervantes — só se ouvem gargalhadas em espa-

nhol... Sim. As gargalhadas também tem nacionalidade... A espanhola distingue-se, facilmente, mesmo que gargalhe do lado de lá de um reposteiro, de qualquer outra mulher. A sua alegria, que é mais comunicativa do que a da nossa mulher, do que, até, a da italiana, tem qualquer coisa de bailado *castizo*, de tarde de toiros, de cravos de Sevilha. Uma espanhola, quando gargalha, é uma espécie de síntese de tôda a alegria que a Espanha conserva na policromia das verbenas, nas canções e nos mantons de Manila.

Os dias decorrem em Espinho como domingos, como dias de festa. O Verão é o grande domingo do calendário... E Espinho — romaria da beira-mar — tem atractivos, tem seduções para tôdas as horas, para todos os paladares. As manhãs, estas deliciosas, frescas e luminosas manhãs de Agosto, passam, num sonho lindo, sôbre o muro da areia doirada. As crianças brincam, riem, saltam. Mulhe-





Barradas, a sua arte, os seus painéis alegóricos ao Senhor da Pedra. No movimento, figuras estilizadas de cortesãs civilizadas, monóculos, fardas, charutos, perfumes. Lá dentro, a catedral do jogo, uma amostra de Monte-Carlo, uma amostra para se adquirir uma ponta de felicidade ou uma grande e eterna desgraça...

Espinho, no grande *dancing*, na Assembleia, tem o seu grande encanto nocturno. Os primeiros combóios da noite trazem para aqui, do Pôrto e da Granja, dezenas de apaixonados da dança. Os bailes da Assembleia são, afinal, as melhores exhibições de Espinho dentro do Verão, de Espinho-praia, de Espinho varanda sôbre o Atlântico. Aqui se reúnem espanholas sedutoras e portuguesas que conjugam o verbo amar a tódas as horas. Dança-se com os pés e dança-se com os olhos... Faz-se má-língua, lançam-se piropos, descobrem-se segredos e escândalos. Apontaram-me há dias a mulher-enigma desta temporada. Alta, estilizada, de olhos escondidos numas pestanas muito espessas, dizem que é uma aristocrata austríaca, louca, apaixonada, por um louco aviador estrangeiro, que aqui está também a veranejar. Ele raras vezes aparece. Ela, que não falta uma só noite, aparece sempre com um novo vestido e um novo colar. Disseram-me que o aviador a adorava, tendo sido seu amante. Ela, para ser mais dêle, pedira-lhe para a libertar do marido, a quem detestava. Ele acedeu. Transformou-se em assassino. Agora, enquanto ela se aninha aos seus pés, dizem-me que ele a detesta. Mas isto será uma página verdadeira? Nas praias mente-se tanto! De qual quer maneira aí fica êsse modêlo de mulher que, talvez, Maurice Dekobra não desprezasse para protagonista de um seu futuro romance.

Retalhada a tangos, a golpes estridentes de jazz-band, a noite de Espinho termina. Amanhã começa novo dia. Espinho acaba sempre a sua alegria na noite. O Verão, porém, é extenso, o sol é quasi eterno, só desfalece no Outono.

GUEDES DE AMORIM.

res encantadoras, dentro de *maillots* copiados de revistas de modas, entram no Mar, na grande banheira — e tomam mergulhos de alegria. Depois, o sol torna-se calorífero, impertinente... Os toldos, as barracas, que estiveram aquecidas, ficam, de repente, habitadas. O Mar, a meio do dia, fica, porém, abandonado. Nos *bars* as grafonolas lançam no ar quente músicas em voga. Sôbre a areia, verdadeira terra de ninguém, há saúdades do movimento matutino. E até o Mar, menos colérico, como que amoroso, morre em abraços lentos de ondas, chorando a orgia, a folia matutina que expirou.

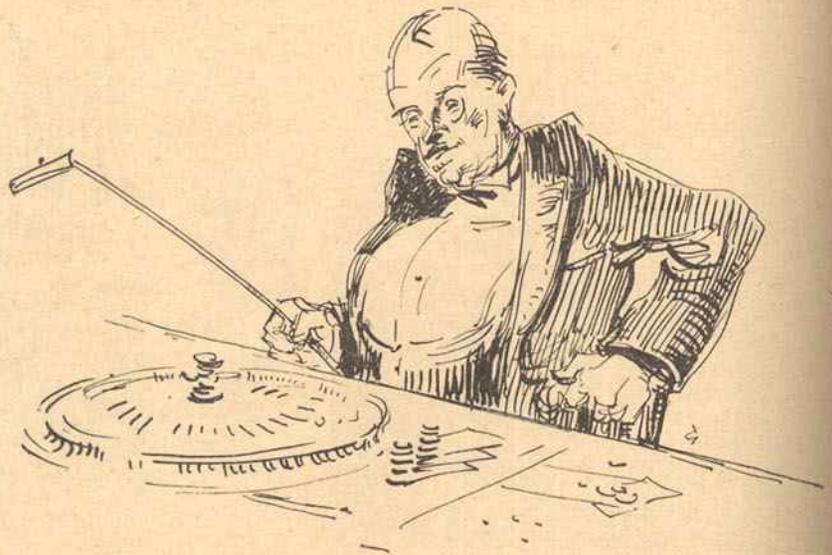
Logo ao começo da tarde, regressa o movimento, regressam os apaixonados da praia. De novo as crianças, sob os olhares vigilantes, quasi policiaes das mães e das criadas, correm no soalho húmido do areal, brincam com as ondas. Nas barracas, surgem então os idílios, os *flirts* — os sonhos de matrimónio. Elas, sorrindo, brincando com a areia ou bordando, deixam que êles, estendidos a seus pés, lhes rezem frases apaixonadas, plagia-das de novelas ou buriladas por quimeras de amor...

Lá em cima, nas ruas e avenidas de Espinho, durante a tarde, sente-se a fadiga a que o calor obriga. Quasi tódas as janelas, de *estores* corridos, anunciam repouso interior. As portas dos cafés, transformando os palhinhas em leques, brasileiros e espanhóis obesos, de olhos cerrados, suportam, aborrecidos, a canícula. Isto nada mais é do que um pequeno intervalo na vida festiva da praia. Ao fim da tarde, na grande avenida, ressuscita a vida, a folia, o sem número de diversões onde Espinho vai passar a noite.

As noites de Espinho dão para diversos

passa-tempos. Há quem gaste a noite a passear, namorando, sorrindo, deixando passar a vida. Os velhos, senhores de grandes bigodes, calvos, ventrudos, ficam pelos cafés, meio-sonolentos, ouvindo músicas sentimentais e nervosas. Lá em baixo, na praia, olhando o infinito, vêem-se pares de românticos, desfiando orações apaixonadas, sob a vigilância das estrelas ou da lua.

Mas as noites de Espinho possuem também um sabor cosmopolita. A vida nocturna do restaurante do Casino tem já aquele movimento internacional. Nas paredes, Jorge



A MINHA ESTANTE...

SILVA CARVALHO

POETA EXDRÚXULO

E UM ALMANAQUE FAMOSO QUE CONTA

76 ANOS

*Um peregrino enverga a alva mística
Toca o cingulo na unção eucharística
A Alma: Vai «super agitatum Mars».*

Em minha opinião os livros mais notáveis que nestes últimos tempos apareceram no mercado (à parte os meus, evidentemente), foram *Prelúdios de Nevrose* do jovem poeta Silva Carvalho — e desculpem-me o arrôjo da afirmação — o *Almanaque do Borda de Água* deste ano.

O primeiro — *Prelúdios de Nevrose* — cuja capa o distinto pintor Martinho da Fonseca primorosamente ilustrou, é constituído por versos em português e francês, e merece, pela novidade do estilo, um exame imparcial e atento.

Silva Carvalho, o seu arrojado autor, que não temos o prazer de conhecer pessoalmente, quiz transmitir aos leitores sensações novas, inéditas, que, por mais que busquemos, não somos capazes de encontrar, partindo da mais remota antiguidade, em qualquer dos grandes poetas que o mundo se habituou a admirar. Nem Homero, nem Vergílio, nem Dante, nem Camões, Hugo ou Baudelaire, nem Mário de Sá Carneiro, Musset, Campeamor ou, mais recentemente, João Maria Ferreira, atingiram imagens tão variadas e estonteantes, ritmos tão estranhos e inesperados, concepções tão altas e alucinantes.

A riqueza do vocabulário e a sensualidade da forma fazem de Silva Carvalho o poeta mais notável de todos os tempos.

Julgáram alguns dos leitores, lendo o desassombro com que afirmo a superioridade do vate, que me anima o espírito de louva-minha rasteira que fêz escola nesta terra. Não, apenas desejo dizer a verdade e prestar justiça a quem a merece.

De resto, como adiante se verá, eu justifico e documento os meus assertos com algumas transcrições, lamentando não poder trasladar para aqui o livro inteiro, que seria a melhor forma de convencer e deslumbrar quantos me estão lendo.

Mas aos que de mim duvidem ou aos que não acreditem no talento do poeta vou já fazer calar com a transcrição do último terceto de um soneto admirável intitulado *Pálio beatífico* que se contém a páginas 18 do famoso livro de versos:

*Alquebrado, o estim'lo cai a mirficia
Irealidade d'ártica, à voz beatífica
Descem dos pinac'los Pálios heléneos.*

Mas os scépticos duvidam ainda? Sorrisos, denunciando descrença no talento do poeta, aforam ainda aos lábios de quem não compreendeu a maravilha do terceto transcrito?

Arremesso-lhes com mais outro terceto final do soneto *Psalmo*, que se lê a páginas 38 de *Prelúdios de Nevrose*:

Estes dois tercetos definitivos, pelo seu estilo, pela beleza grandiosa da ideia que encerram e só os ignorantes não sabem des-

ALMANAQUE
DE
BORDA D'AGUA
Reportorio util a toda a gente

DO ARTIGO EDITOR
JOAQUIM JOSÉ DE MATOS JUNIOR

PARA O ANO DE 1930
76.º ANO DE PUBLICAÇÃO



PARA O ANO DE 1930
76.º ANO DE PUBLICAÇÃO

LIVRARIA POPULAR DE FRANCISCO FRANCO
(Casa fundada em 1890)
14 a 18 - R. Barros Queirós - 14 a 18
LISBOA

cobrir, devem ter lançado a alma dos que duvidaram no pélagos do remorso. E a propósito de remorso cito ainda a primeira quadra, do soneto *Remorso efémero* que reza assim:

*Oh Fausto ilusório!... Dos candelabros
Volateis luzeiros correndo o Crime
E «Nuncios feroces», a quem derime
Pureza sem laivos de volutabros.*

Não se trata de uma charada. As charadas pertencem a outra secção desta revista e nem eu, nem Silva Carvalho nela colaboramos. Trata-se da mais pura e elevada poesia, algo de satânico, que o «Fausto ilusório» nitidamente indica, e de taumático que «Nuncios feroces» (refere-se ao cavaleiro João Nuncio) magnificamente traduz. Só quem não possuir dois dedos de inteligência ou tiver a alma ensombreada de pel... «volateis luzeiros do Crime» o não compreenderá.

Mas isto agora vamos nós a menos de meio deste livro que possui 137 páginas de bom papel encorpado. Vamos ainda nos prelúdios do *Prelúdios de necrose*.

A páginas 45 (abri-vos almas fechadas à mais alta beleza!) lê-se esta quadra tremenda (tremenda é o justo termo):

*Igneo-rubro-olente espelho, lençol,
Todo em cinza d'ouro, «Iris fotogénica»,
Vislumbre de clâmide, «A Arte helénica»
Ideou o braço, a erguer o Sol.*

É tremendo! É espantoso! O talento «igneo-rubro-olente» do poeta aqui atinge o seu auge, se auge existe para ele. É um talento fotogénico, tão nítido, tão real, tão bem marcado, que se poderia fotografar, cinematografar e sincronizar. É um talento que «ideou o braço a erguer o Sol».

Penetremos agora — eu e o leitor — mas em bicos de pés, lábio mudo e olhar místico, no santuário — *Le Sanctuaire* onde Silva Carvalho reúne alguns poemas escritos em francês. É um santuário pleno de imagens admiráveis que bem merecem a adoração das almas boas.

Apenas nos atrevemos a fazer incidir a luz da publicidade sobre uma dessas imagens. É a segunda quadra do soneto *L'apothéose des couronnes*:

*L'hallucination d'un ambré agneau,
Brume du Soleil — bégayant Amour —
Pas de loup. La Nuit. Revez Troubadours!
Rondeau astral trouble ses yeux: Joyaux!*

Admirável! *C'est une hallucination*, uma verdadeira alucinação de grande poeta que vê paradoxalmente a bruma do sol. Tremei poetas franceses!...

Abandonemos, como entrámos — bicos dos pés, lábio mudo e olhar místico — o santuário de Silva Carvalho e apressemo-nos a admirar uma série de quadras intituladas *Saúde* e dedicadas a Norka Rouskaya — *la princesse de volupté artistique*, como ele lhe chama.

Uma dessas quadras, que reproduzo, exprime bem o sentimento da saúde. Ei-la:

*Bruxolcar de perfume
Lá onde a chama extingue
A Saúde se resume
De prantos n'um tingu... i... lingue.*

É impossível que esta quadra encantadora, de sabor tão popular, não venha a ser aproveitada por qualquer doutor formado pela Universidade da Canção Nacional para gravar em disco.

Adiante. Vou-me a mais quadras e respigo esta que só por si bastaria para imortalizar um poeta:

*Sorriso, efémera Flor
De periânico corrinco
Vibrando n'um céu de Dor,
Louco arrebol cupidínico.*

E por aqui me fico no concernente a transcrições.

A faceta mais saliente do talento poético de Silva Carvalho é o ritmo original e cantante. Para tal contribuiu a sua pronúncia — a predilecção pelas palavras esdruxulas. Silva Carvalho criou uma nova escola: o esdruxulismo. É um poeta esdruxulo. Daí, certamente, a sua paixão pelas imagens helenas que pinta com colorido tão vivo.

É, pois, com sincero entusiasmo que festejo a aparição nas Letras nacionais de mais um grande poeta: Silva Carvalho, o esdruxulo.

Passo agora, se me permitem, a outro género de literatura que não deixa, como o primeiro, de enobrecer a inteligência e a cultura nacionais. Refiro-me ao popularíssimo *Almanaque do Borda de Agua* que traz como sub-título estes dizeres muito justos e verdadeiros: *Reportório útil a toda a gente*.

O exemplar que tenho sobre a minha inevitável mesa de trabalho (todos os cronistas tem, felizmente, uma mesa de trabalho) é o deste ano, de 1930. E convém, antes de entrar em mais considerações, bem salientar aos olhos de toda a gente que esta famosa publicação tem, nada mais, nada menos, de 76 anos de existência. O seu primeiro editor foi Joaquim José de Matos Júnior, que viveu menos, coitado, do que a sua obra.

Borda de Agua, a avaliar pela gravura que ilustra a capa de tão célebre publicação, era um cavaleiro respeitável, de nariz adunco, olhos grandes, chapéu alto de abas largas e sobrecasaca antiga.

Tinha ele, ao que parece, o dom extraordinário de adivinhar o futuro, o que devia livrá-lo, bem como aos seus leitores, de alguns peralços. Em números de outros anos (no deste nota-se a falta lamentável desta secção) ele previa com matemática exactidão, se no dia 5 de Janeiro faria sol ou choveria, se na manhã de 18 de Março haveria bruma ou sopraria um ciclone devastador. Assim, muitas pessoas que todos os anos adquiriam o precioso oráculo, consultando-o

ainda no leito já sabiam se em tal ou tal dia deveriam sair de guarda-chuva ou de palhinhas, de sapatos brancos de *tennis* ou botas altas.

A-pesar da falta do oráculo infalível, o *Almanaque Borda de Agua* não deixa, como na sua capa se lê, de ser útil a toda a gente.

Por ele sabemos a data da fundação de Roma e que se devem colocar em determinado recibo, quantos eclipses haverá no ano e quando começaram as férias judiciais, as feiras que se realizam por todo o país e em que dias se semeiam os nabos, a que horas nasce o sol e quando principia o preamar, os dias de festas religiosas e em que época se deu o dilúvio.

Lêr o *Borda de Agua* é, meus amigos, tornar-se uma pessoa enciclopédica.

Não conheço melhor guia para a vida.

Assim, por exemplo, o cavaleiro que me está lendo de olho maravilhado, estando no mês de Junho, pretende orientar-se acerca dos seus negócios íntimos. Folheia o abençoado *almanaque*. Lá encontra o mês de Junho. Lê:

«Semêa couves, borragens, beldroegas, espinafres e favas de regadio...»

Lê mais adiante, ainda no mesmo mês:

«...colhe alhos, cebolas, favas...»

Ainda mais adiante:

«...tosquia as ovelhas...»

O cavaleiro, que é empregado de escritório, fica perfeitamente ilucidado acerca do que deve fazer em Junho.

Mas o que mais aprecio neste *almanaque* sem rival é o «Juízo do Ano». É o que me assombra. Vamos a meio de 1930 e já podemos todos verificar que Borda de Agua é infalível nas suas previsões.

Começa assim o «Juízo do Ano» do último número da mencionada publicação:

«Rompe o ano de 1930, com o planeta Mercúrio, o que basta dizer que teremos um ano esplêndido».

E assim tem sido, portugueses felizes a quem *Borda de Agua* solenemente se dirige! Dinheiro, pelo menos, não tem faltado. O comércio anda radiante, a agricultura *doída* de contente, e a indústria não tem mãos a medir na recolha de fartos lucros.

Mas lá diz *Borda de Agua*, referindo-se à benéfica influência de Mercúrio:

«Tem domínio este planeta sobre os poetas, escrivães, letrados, pintores, matemáticos e sobre os inventores e ourives, o que será suficiente para que a literatura e artes portuguesas adquiram um apreciável desenvolvimento».

Basta lembrarmo-nos do poeta Silva Carvalho para darmos razão ao *almanaque*.

E termina assim o «Juízo» do *Borda de Agua*:

«Com uma promessa tão auspiciosa para a gente portuguesa seria uma ingratidão deixarmos de crer na *Natura Super Omnia*».

Na parte que se me refere, este juízo é tão perfeito que, prezados leitores, não posso deixar de crer no *Borda de Agua Super Omnia*.



RUINAS DO
CONVENTO
DO CARMO



FOTO DE ARTE DE
HORACIO NOVAIS

O CIRCO

Têm-se publicado centenas de volumes curiosos sobre o circo. Os mais vibrantes e originais escritores de vanguarda servem-se dele, frequentemente, como tema inexgotável e precioso. O circo é, na verdade, uma nascente copiosa de emoções, um pretexto magnífico para toda a sorte de filosofias... Os programas, no circo, são instáveis, variados e complexos como a vida humana. Na dissemelhança dos números reside o segredo do êxito de uma companhia. Um bom programa é uma espécie de enciclopédia. E aqueles que o organizam, que o graduam, que o tornam aprazível, não são já mais criaturas vulgares, de inteligência mediocre. Em Portugal, o sr. Covões, pode ser considerado na especialidade, sem injustiça, uma espécie d'Alembert ou Diderot...

O circo é uma escola de liberdade (salvo para as feras enjauladas e para os animais amestrados). No teatro, o actor é um intérprete, mas o menos expressivo, das figuras imaginadas pelos autores. E preciso que ele tenha, por milagre, o génio de um Zaccotti, para que, pelo jogo fisionómico, pela modulação vocal e pelo poder

significativo dos gestos, ascenda à categoria dos artistas criadores. Aparte essas excepções, o actor é um verdadeiro intermediário entre o autor e o público. Não tem nenhuma independência, não tem nenhuma iniciativa, não pode inventar sequer uma personagem, a não ser pelo processo clássico da caracterização, que muitas vezes o torna ridículo aos espectadores das primeiras filas.

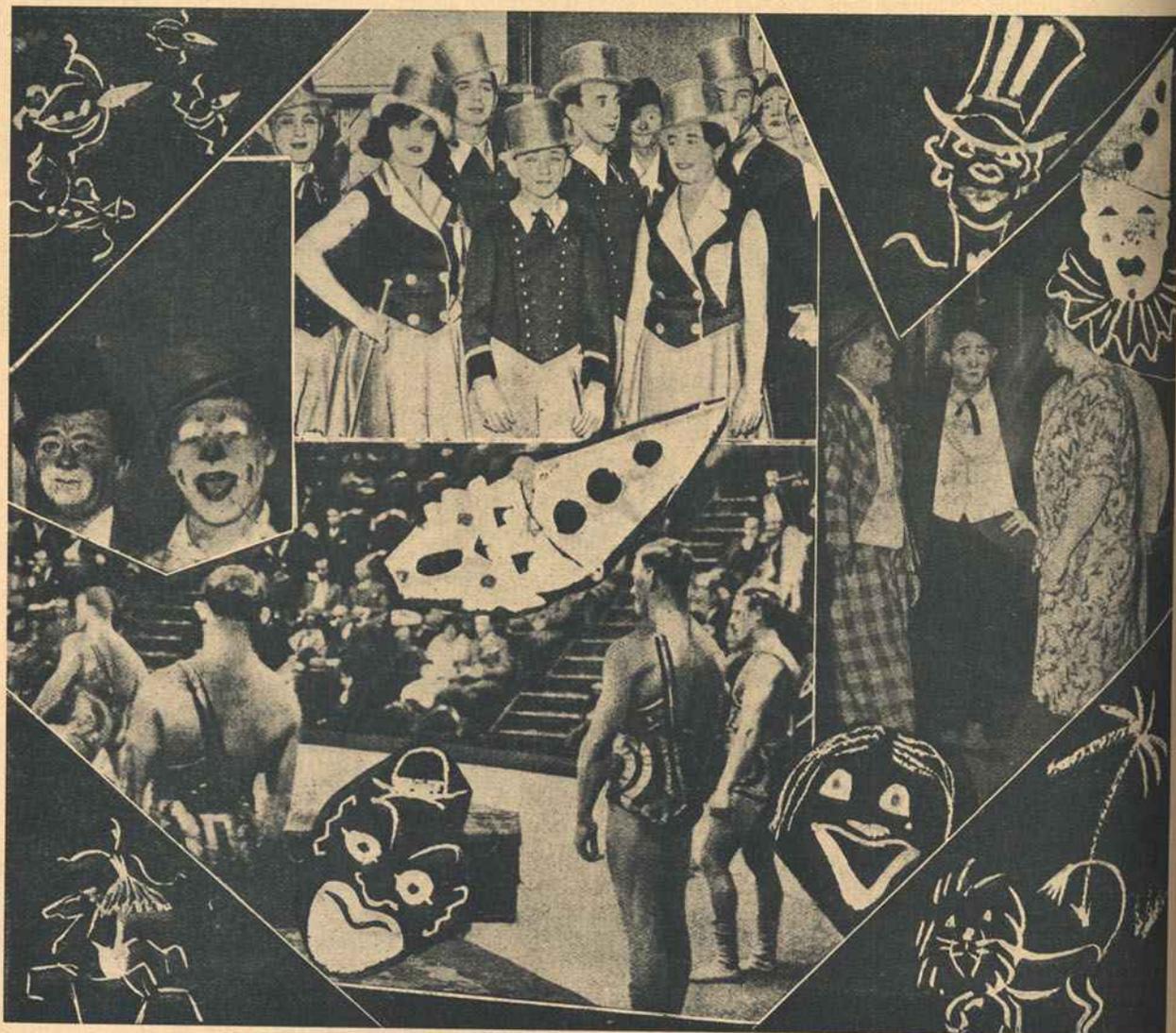
No circo sucede exactamente o contrário. No circo consagra-se, desenvolve-se, refina-se, o espírito inventivo dos artistas. Cada um deles dedica-se, evidentemente, a um género de exercícios, a um dos multiplicados ramos da evolutiva profissão. Há os saltadores, os *clowns*, os trapacetistas, os malabaristas, as *ecuyères*, os equilibristas... Mas, quer na apresentação decorativa do seu número, quer na realização dos seus movimentos matemáticos, os artistas esforçam-se por mostrar a maior originalidade, por se elevar acima do comum, por exceder as proezas já conhecidas, insusceptíveis de provocar a admiração difícil do público.

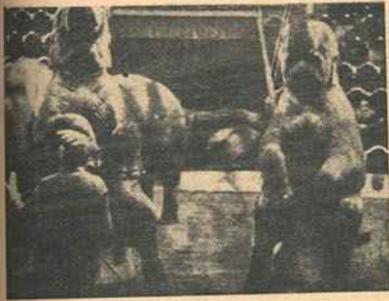
Há «números» de circo que são estudados,

preparados, afinados, anos seguidos. A maior parte dos burgueses pachorrentos que se engolfam num *fauteuil* a examinar, de nariz no ar, a plástica das ginastas sempre sorridentes, não faz a mais pequena ideia da tenacidade, da energia, da inteligência que os artistas dispõem em experiências consecutivas para que, em pleno espectáculo, os seus exercícios sejam ágeis, exactos, elegantes e seguros. Para que eles atinjam nos seus movimentos a espantosa regularidade de metrônomo que os caracteriza, quantos apêlos desesperados feitos à sua paciência inultrapassável e aos seus músculos obedientes!

O público é, por via de regra, ignorante, impiedoso e disparatado. Há «números» de acrobacia maravilhosos de certeza, de flexibilidade, de distinção, que o enfiam muito mais do que a mastigação da *Traviata* por um realejo ambulante. A simplicidade, a destreza límpida, as atitudes puras, são para ele manifestações expressivas de insuficiência atlética e de falta de gosto. O que lhe agrada é o grandioso aparente, o incompreensível, o arrepiante, tudo quanto feito com espalhafato e violência...

Entre o trabalho difícil de um argolista — elevando-se, contorcendo-se, elasticizando os músculos pausadamente, no ritmo impecável do pêndulo — e os golpes de força, as maçagens estrepitosas e o rebolar de enxândias de dois lutadores treinados nos segredos do *chiqué* os espectadores simplórios preferem quasi sempre as





cometidas meio-pugilísticas dos dois mastodontes. Os biceps salientes, os peitorais abaulados, os rompantes leoninos, empolgam-nos pela mesma razão porque a massa de granito, excessiva e desairosa, do convento de Mafra, me deixava estarecido nos tempos distantes da minha meninice.

Os exercícios ginásticos feitos no alto, perto da cúpula dos circos, com passagens vistosas de trapézio para trapézio, suspensões dentais seguidas de revolteios rápidos, saltos mortais de aparelho para aparelho, emudecimento de orquestra e sucessivos hop! hop! estimulantes e preventivos — tôdas as ostentações de afoiteza e de risco — aturdem e entusiasмам o público. E, todavia, sôbre a pista, bem amarrada às colunas que sustentam os camarotes, encontra-se esticada uma sólida rede de corda, e essa rede preserva os artistas da morte, se um movimento errado os precipitar no vácuo...

O circo é cosmopolita. Nos seus bastidores falam-se tôdas as línguas, perpassam indivíduos de tôdas as raças, gente com os temperamentos mais opostos. É uma verdadeira maçonaria de vagabundos, imensa, ramificada, com núcleos que se reúnem hoje em Lisboa, que se dispersam no mês próximo em Bruxelas e que voltam a agrupar-se mais tarde em Constantinopla ou em Berlim. Todos se conhecem, todos se estimam, todos se auxiliam, mesmo a distância, sem nunca se terem visto. Os saltimbancos podem, como as despresadas hetairas, dar lições de solidariedade aos mais encanecidos sociólogos...

As suas ideias de solidariedade não são um produto da sua educação — são instintivas, hereditárias e indissolúveis. Elas não se limitam a

materializar-se no auxílio pecuniário aos companheiros inválidos, na retribuição dos serviços frouxos que os velhos ginastas e acrobatas podem prestar a uma *troupe* juvenil, na espontaneidade do socorro oferecido àqueles que os azares da vida privam, longo tempo, de contratos. São muito mais belas, revestem outras formas, correspondem a impulsos naturais, independentes da reflexão.

Observem os artistas de circo nos corredores que ligam os bastidores à pista. Sigam os seus



olhares, os seus gestos, quando um trapezista, por exemplo realiza exercícios arriscados, pendurado a 10 metros do solo e sem uma rede que o possa proteger numa queda imprevista. Reparem como, nos momentos supremos da exibição, quando o simples resvalar da mão humedecida do artista o pode fazer despenhar-se em terra, eles avançam às vezes, estendem os braços, se sobressaltam, como se a criatura que joga com a vida para recreio do público fôsse seu filho ou seu irmão...

Vejam o alvoroço e a alegria com que eles o abraçam no final do «número», quando os espectadores, arrebatados pelo arrôjo e pela habi-

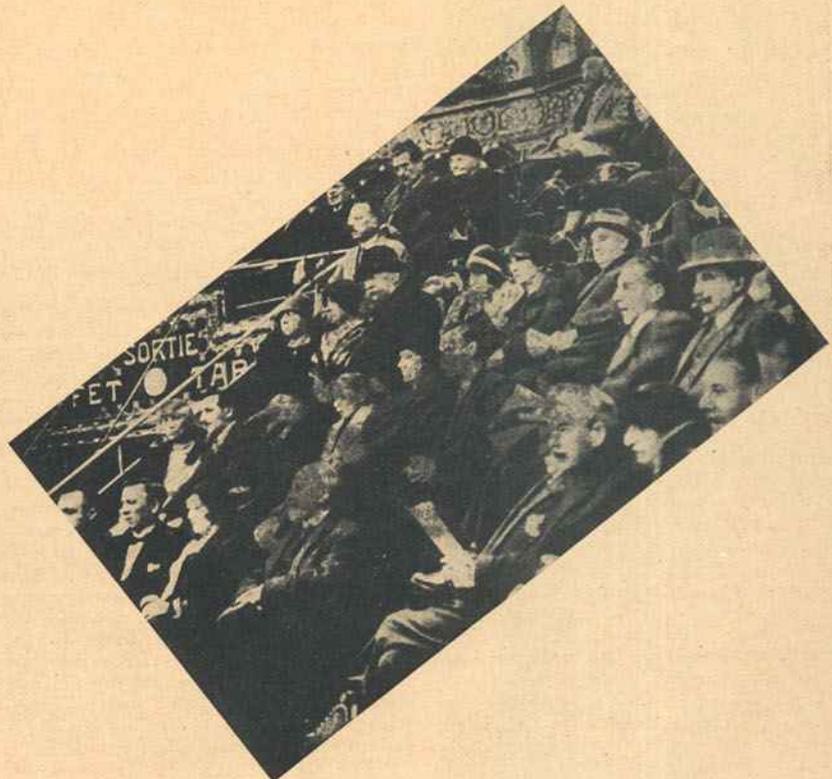
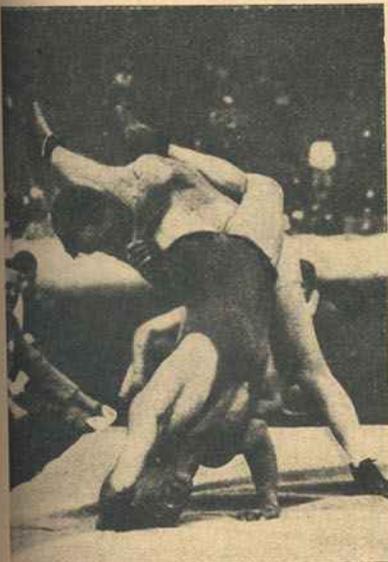
lidade do ginasta, o recompensam com salvas de palmas impetuosas e seguidas. Observem ainda com que carinhão, com que desvelo, eles amparam os saltadores vertiginosos, endiabrados, nas suas derradeiras cabriolas alucinantes, feitas quasi sempre fora do esparto da pista, numa cegueira que os pode atirar sôbre os duros *fautenils* que a circundam. Aquilatem de tôdas estas manifestações de afectividade, de boa índole, de companheirismo, e não de ter pelos artista de circo a mesma simpatia veemente que eu manifesto por eles, sem reboço, em tôdas as oportunidades.

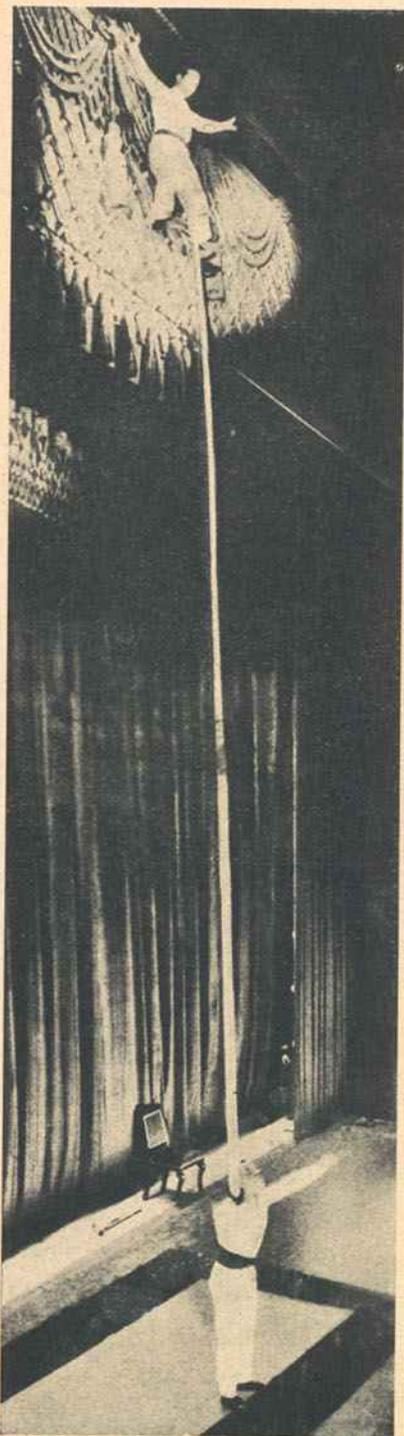
Sabem porventura os leitores como nascem, como se robustecem e refinam essas virtudes, verdadeiramente excêntricas nesta época de egoísmo deslavado em que o homem, animal aberrativo, é ao mesmo tempo hiper-civilizado e ferozmente individualista? Como é provável que não saibam, eu digo-lho aqui em segredo, um segredo semelhante ao do jovial e bulhento polichinelão...

Um ginasta, um *clown*, um equilibrista, um saltimbanco enfim, não surge por acaso, não se improvisa. A agilidade, o desenvolvimento mus-



cular, o fôlego, o golpe de vista, a precisão de movimentos, a serenidade, adquirem-se apenas pela seqüência de um treino bem orientado, um treino que é um manual vivo de paciência. Esse adestramento sistemático, meticoloso, principia na infância, quando ainda não há articulações emperradas, nem ossos petrificados, nem mus-





culos desobedientes. Na idade em que as outras crianças amolecem os corpos a brincar com bonecas e soldados de chumbo sobre tapetes fôfos, os filhos dos acrobatas fazem pinos e contorções serpentinas sobre o tablado rijo dos ginásios, se têm a sorte de percorrer as cidades populosas, ou sobe a terra batida dos acampamentos, se o destino os obriga a basculhar o mundo das janelas das *routottes*.

Apegam-se assim ao ambiente, incrustam-se nele, exactamente como as pérolas de cultura se incorporam nas ostras em que são enxertadas. Habitam-se às vicissitudes da vida como se habitam a encarar a morte sem medo, tantas vezes são constrangidos a desafiá-la para ganharem o pão cotidiano. Apreciam o valor das proezas alheias — o que há nelas de heróico, de magistral, de aventureiro — porque sabem quanto

valem as suas, a soma de intrepidez, de ciência, de sangue-frio e de resistência física que elas representam. Entrem-se fraternalmente porque, quasi todos, conheceram no principio da carreira a mais aflitiva das misérias — a miséria mascarada, a miséria negra, sofrida por orgulho com o sorriso nos lábios... Estremecem perante os perigos a que os seus companheiros se expõem, porque sabem avaliá-los, porque todos os dias os sentem e os arrostam sem poderem contrair, diante dos espectadores atentos, um só dos seus músculos faciais...

O circo! O circo! Como êle encanta as crianças volúveis! Como êle distrai e alegra os homens melancolizados pelo ramerrão da vida profissional! Como êle espaiçõe — pela variedade e movimento dos seus «números» — o espirito amedorrado, entenebrecido, dos intellectuais *sarmentés*! Entra-se no aniteatro — quantas vezes! — calisbaixo, meditando, cansado da existência... Ouvem-se os primeiros compassos da orquestra, um galope excêntrico e nervoso que faz lembrar o dos cavalos nédios, sobre os quais fazem piruetas as *écuyères* elásticas. As

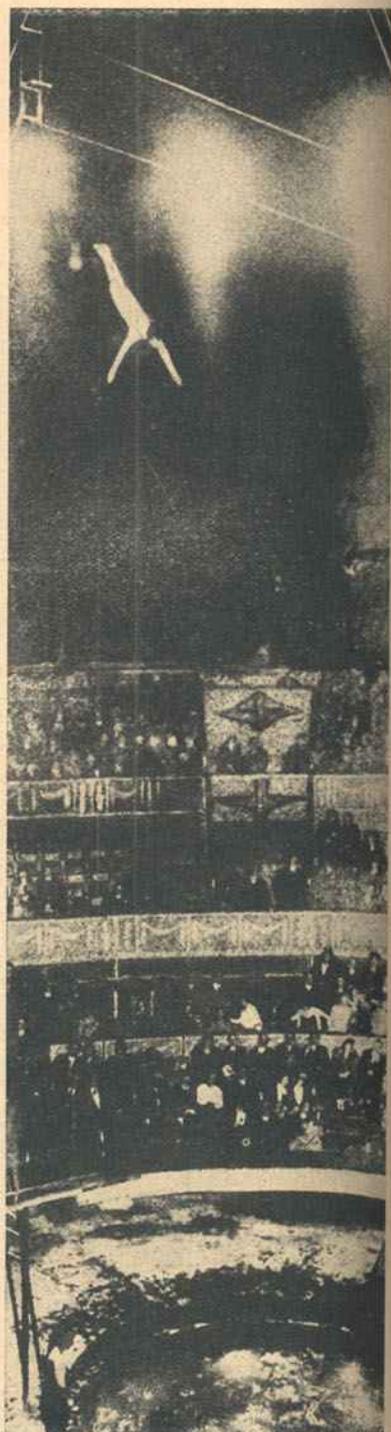


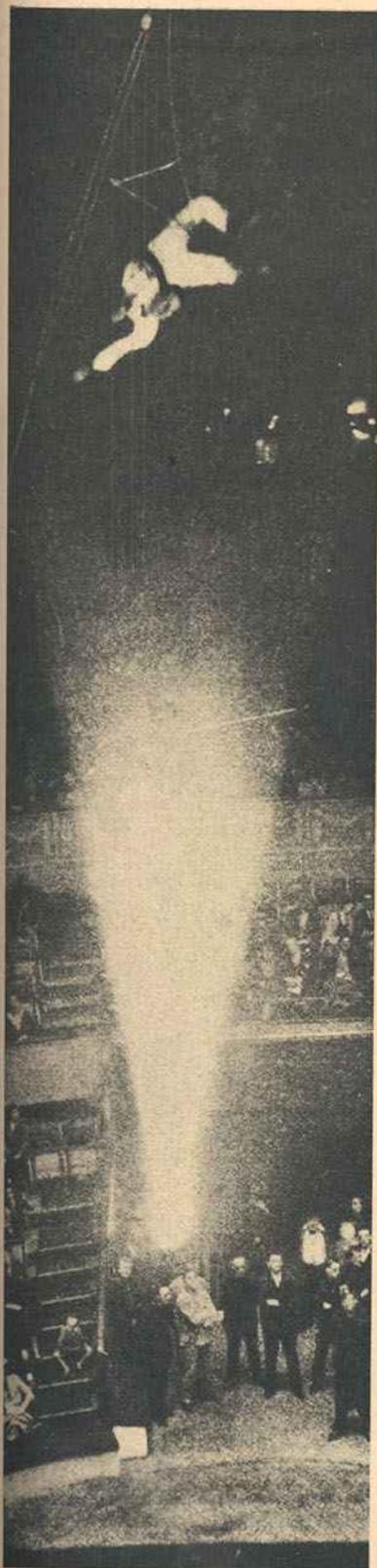
mil e uma lâmpadas suspensas da cúpula resplandecem de repente. Lá do alto, das galerias, os electricistas visam a pista com os holofotes potentes. A sala imensa, pejada de gente barulhenta, é invadida, saturada pela claridade. Rompem os palhaços gritantes, rolando pelo solo como novelos gigantes. Ligeira, saltitante, como se tivesse molas nas plantas dos pés, surge a primeira ninfa, com as linhas esbeltas do corpo bem marcadas pelo *maillot* de seda. Entregam-lhe a extremidade de uma corda nodosa. Ela enrola-a em volta da cinta flexível. Depois, a pulso, sobe até um dos trapézios, baloiça-se, faz *poses* plásticas, desengonça-se, simula perder o equilibrio...

Cá em baixo, nas rodas dos *fanteuils* — onde se espaaçam, irmanados, burgueses e aristocratas — e nos degraus igualitários da geral — onde se comprime, como as sardinhas de lata, o povolo tagarela — o *respeitável público* esquece as suas amarguras, as suas preocupações, as suas infelicidades, por vezes mesmo as suas dívidas, e segue com o olhar, minuciosamente, como um *boxeur* que procura esquivar-se aos golpes do adversário, as atitudes insimantes, os movimentos desembaraçados, as desarticulações repetidas, do seu ídolo de um instante. E quando a pobre gymnasta desce do seu efêmero pedestal de glória, moída, entontecida, com o pó de arroz e o *crème Simon*, embebedos em suor, a desgastarem a sua juventude postíca, explode uma ovação intensa e prolongada, que se dilui a seguir, que aumenta depois, numa escala bizarra de ondulações sonoras, correspondentes ao entusiasmo dos espectadores — quebrantado um instante e logo reacendido...

O filme não tem falhas, gira sempre em cor-

rupio sob o impulso da manivela mágica do empresário. Agora descem à pista os *jongleurs* excêntricos — o eterno janota inglês de casaca e claque e o seu inseparável criado, desajeitado e espantadiço. *Mise-en-scène* britânica, reduzida ao mínimo: uma simples mesa de três pés, um prato com bolas de borracha e meia dúzia de barris vazios. Dois minutos de mímica hilariante, um introito excitante, o aperitivo do «número». Um vago refresco servido num copo endiabrado, um copo que desliza — sem verter uma gota de líquido — ao longo dos braços do equilibrista-jongleur, que salta de mão para mão, que se sustem na ponta de uma bengala, que não teme o vácuo, que não sente vertigens... A cada uma das suas cambalhotas, das suas escorregadelas, o escudeiro aparvalhado tem um sobressalto, pula como um guarda-redes





bre os já amontoados. Depois, senta-se numa cadeira, acende o seu cachimbo, joga com bolas de borracha, faz obliquar e dansar a pilha apurada de barris... A cada instante parece que tudo aquilo vai desmoronar-se, despedaçar-se sobre o solo, tão absurdos são os equilíbrios. Mas o homem fenomenal continua impassível, no cocoruto da sua montanha improvisada, a soltar espirais de fumo pela boca e a desafiar a morte perante o pasmo dos espectadores...

Rufar de tambores. Música vertiginosa e áspera, em que destacam as notas agudas, os silêstrídulos dos pífanos. Corre até à pista, num jacto, em furacão, uma enfiada de árabes endemoninhados, velozes como flechas, saltões como mosquitos, gritantes como os pretos nas suas acometidas de guerra. Não há pausas, não ha truques, nas suas acrobacias animais, violentas, que parecem realizadas em acessos de loucura... Há, entre êles, dois gigantes maravilhosamente musculados, duas estátuas de mármore tisuado, que servem de pedestal aos outros árabes, aos volantes infatigáveis da *troupe*. Em dez minutos, com a velocidade ascensional dos foguetes, êsses possessos estoçam e rematam cinquenta grupos plásticos — bizarros, selváticos, inverosímeis... Os seus movimentos são,



de instante a instante, cada vez mais rápidos, lembram o vultear da roda de um motor, preguiçoso no começo, apressado logo a seguir e depois, de momento a momento, cada vez mais vivo, mais veloz, até o ponto de tornar invisíveis os raios da roda. Após os exercícios de conjunto, as proesas individuais... A *troupe* coloca-se em fila. Um a um, todos os árabes saltam. Saltos de corça, saltos de gazela, saltos de cabra... Correrias de zebra, de antílope, de avestruz... Todos os saltos são acompanhados de gritos guturais de estímulo, de interjeições esganiçadas, de bater de palmas — cavo, fundo, ressonante, como a vibração de um tam-tam enorme. A atmosfera do circo é naquele instante a atmosfera das montanhas bravias do Riff, dos sertões recônditos de África, onde os homens, em contacto com uma natureza que se expande com exuberância, aos arrancos, são, ainda hoje, ligeiros, destros e bárbaros, como os homens primitivos.

Agora penetra na pista um cavalheiro extravagante, com indumentária de maníaco e fisionomia de pacóvio. Os seus sapatos são desconhecidos, adequados aos pés de um gigante e, todavia, êle é baixo e magro. As guedelhas cor de tijolo caem, na altura da nuca, sobre um colarinho de palmo e meio. As pernas das calças, largas e rastejantes, podem servir de guarida no jôgo das escondidas. A estranha personagem larga em terra o malotão que o derreia — um objecto que, posto a prumo, excederia talvez a sua estatura. Depois cumprimenta o público com o seu boné de viagem, que tem uma pala exagerada, capaz de abrigar do sol uma família. A criançada aplaude o picaresco recém-vindo, o mais chistoso faz-tudo da companhia. Surge um segundo palhaço com a cara enpoada, o barrete cônico e o traje garrido comuns nos arlequins. Este faz o papel de finório, de trampoloneiro. O outro finge-se lórpa como um lapuz. Desencrola-se uma scena burlesca, em que a mímica hilariante dos *clowns* reforça os seus ditos de espirito esfuziantes. Como conseguem essas criaturas, com meia dúzia de trocadilhos, outras



tantas chalaças, uma série de esgares e algumas travessuras, fazer retorcido de riso toda a gente — desde os fedelhos menos compreensivos até os homens mais sisudos? Não o sabemos. O que sabemos é que os palhaços são os ídolos do público, os animadores dos circos e, pelas suas exigências monetárias, a praga infalível de todos os empresários...

O atractivo principal do circo, a razão por que o público o prefere às outras casas de espectáculo, indicam-se em duas palhetadas. O circo não faz pensar, não fatiga o cérebro, não é monótono. Não há neurastenia, nem estados biliosos, nem penas de amor que lhe resistam. O circo desobstrui o fígado, rivaliza vantajosamente com o *Urodonal*... Os seus programas são inconstantes, antinômicos e superficiais como o pensamento das mulheres. Os seus «números» sucedem-se como as posições momentâneas impressas nas tiras de gelatina dos aparelhos cinematográficos. Os hipocondríacos podem, talvez, ser insensíveis à vitalidade superabundante dos saltadores, às vibrações sensuais das bailarinas, ao humorismo quasi sempre mimico dos *jongleurs* excêntricos. Mas é impossível que êles se mantenham indiferentes às cócegas que os palhaços lhes fazem de longe... O circo substitui as *douches*, os banhos de sol, os choques eléctricos... É uma casa de saúde original em que as enfermeiras usam *maillot* e os médicos nos curam por sugestão, com os exemplos de vida que nos dão a todos os instantes. Sempre que posso, sempre que o desânimo me apoquento, corro a restabelecer-me num desses hospitais miraculosos.

VÍTOR FALCÃO.



para o suster na queda presumível, escancara a boca ao vê-lo incólume... Um rápido entreacto na comédia. Sob a mesa é posto um barril, sobre êle um outro, sobre êsse outro um outro... O *jongleur* sobe, como um macaco, até o último. Arremessam-lhe mais barris que êle justapõe, segurando-se não sabe a gente onde, só-

MODAS DE PARIS



PARIS, MIRAGEM FUGITIVA E SEDUTORA, PARARAÍSO DAS MULHERES BELAS E DAS ELEGANTES, CIDADE DO PRAZER E DO LUXO, MANDA-NOS AS SUAS PRIMEIRAS NOVIDADES PARA O OUTONO, PARA O INVERNO QUE SE APROXIMA. É A GRANDE CASA CRIADORA DE MODELOS «CHANTAL», A QUE PRIMEIRO MERECE DA «ILUSTRAÇÃO» A REPOR-TAGEM DOS SEUS MODELOS SINGULARMENTE SÓ-BRIOS E BELOS

NO OVAL DE CIMA — *Um simples vestido de desporto «Green» em dois tons de verde, como o seu nome indica. A sãia, a blusa e a «écharpe» são em tecido de lã Rodier e o cardigan é em malha de lã*



NO OVAL DE CIMA — *Um casaco de abajur de deliciosa simplicidade, «Coupe adorables», cortado no novo tecido «léda», em negro, gola e originalíssima guarnição de mangas em «astrakan» também negro*

A ESQUERDA — *Uma das mais belas e mais sumptuosas criações de Chantal, um formosíssimo vestido de baile «Rose Chantals», em veludo de seda cor de rosa ardente, de corte muito afuselado no corpo e muito amplo na parte de baixo da sãia. Os laços enormes, do mesmo tecido, na romeira e na cinta, que cinge o alto das ancas, dá-lhe um aspecto bem curioso*

(Fotos Luigi Diaz, especiais para «Ilustrações».)

NO PERÍODO ÁUREO DAS ROMARIAS

— De tais romarias, tais perdões.
ANTÓNIO DELICADO, *Adágios Portuguezes*, «Malhada».

— As romarias e às bodas vão as loucas tódas.

BRATEAU, *Vocabulário Português*, s. v. «Romaria».

Agosto & Setembro—período áureo das romarias. Despovoam-se os lugares, enchem-se de gente as estradas; é a gente que vai de romagem às capelas da sua devoção. A folhinha rural está preenchida nestes meses pelas notas das romarias a fazer. Curiosíssimo seria o mapa que se formasse com a indicação destas paradas folclóricas em todo o país.

A romaria vão duas espécies deromeiros: osromeiros da fé e osromeiros da folia.

Para osromeiros da fé, a romaria é uma oração; vão cumprir votos ou rogar protecções. Por vezes é doloroso o cumprimento da promessa feita; mas a alma crente, se oferece tudo quanto pede, cumpre integralmente o prometido, quando alcança.

Para osromeiros da folia, a romagem é um pretexto de divertimentos concentrados. A música e o fogo-de-vistas, a feirança e as comediinhas na barracaria tósca, o bailarico e o derrê com as conversadas, o fato domingueiro dos «manéis» e as vestimentas mais alegres das «marias», os cantos de trova e desafio, os jogos de destreza em que cada pimpão quer mostrar superioridades, encontros de amores como encontros de luta—ai está a larga plateia da romaria para osromeiros da folia. A procissão festiva corô o programa externo.

As galas do atavio da gente e do enfeitamento do terreno, animação das multidões no cadinho que o ambiente lhes produz, reúnem-se a completa-la, dela se servindo e a ela contribuindo, a disposição espiritual que dinamiza as almas e as torna criadoras.

A romaria tem ascendente singular na população que a procura. Não é já o aspecto económico, o calendário de finança caseira, o carácter recreativo, o originário espírito crente, é o conjunto de todos esses elementos, animado pela libertação por um dia das labutas fainosas da semana; é a resultante de tódas essas con-

vergências, que reúne gentes dispersas, que concentra feições díspares e desenvolve a luta espiritual pela vitória do mais forte, da mais garrida, do mais bailão, da melhor cantadeira, do mais sensacional despique e da melhor trova lançada à moda para a época inteira.

O valor etnográfico das romarias só o reconhece, em todo o seu alcance, quem tenha assistido a elas consciente do conteúdo dessas demonstrações do policrómico sentimento do povo.

O folclore, delas proveniente, é fecundo. Lança-se a cantiga, como se lança a lã no presépio pelo Natal. As xácaras antigas como as quadras ou as décimas de hoje, o mesmo. Garrett, referindo-se nas *Viagens na minha terra* ao poema popular de Santa Iria, disse: «este visivelmente nasceu nos arraiais e nos oragos dos campos, e por si tem vivido até agora» (cap. XXX). A multidão, que regressa às terras, para lá conduz a cantiga, letra e toada, mais a modificando a feição, e de lá voga por outras romarias de onde outras cantigas saem, formando no fim rapsódia por vezes incongruente; vão lá depois saber-lhes as origens, correndo no extremo Norte simultaneamente com o extremo Sul! É a poesia da terra e da grei.

Esta sugestão de desvario no entusiasmo da romaria produziu o anêxim: às romarias e às bodas vão as loucas tódas. O efeito nada religioso da diversão exprime-o maldosamente estoutro: de tais romarias, tais perdões. Um anêxim castelhano é mais preciso: *Quien anda muchas romerias, tarde o nunca se santifica*.

— Para onde vais, Maria? — pergunte-se.

— Vou para a romaria, — responderá lampeira.

Vai tóda a gente contente. Carroças, carros de bois, carriagem de todo o feitio, tudo enfeitado com ramagem, bandeiras, balões, um cobrejão de manta listrada a encobrir o sol do caminho — arrasta a multidão. Os gericos choutam nos caminhos. Os mais pobres e os penitentes — estes, os autênticosromeiros — calcariam a pé as distâncias, engulindo a pé andante o pó áspero dos caminhos.

A estesromeiros pedestrianistas se refere o



Num arraial de Elvas

adágio da *Crónica do Condestável* (p. 55): — *Não há romeiro, que diga mal do seu bordão.*

Começa no caminho a ilustração folclórica da festança pagã. Na zona central do Douro vinhaiteiro é máxima romaria a da Senhora dos Remédios de Lamego. Por isso, as cantigas alusivas se adensam em tórno.

Ô Senhora dos Remédios,
Vinde abaixo, dai-me a mão,
sua romeirinha nova,
Abafa do coração.

Ô Senhora dos Remédios,
Vinde vêr a vossa gente;
Dai-lhe saúde a tóda,
Qu'ela tóda ven doce.

A Senhora dos Remédios
Tem o remédio na mão;
Tem o remédio da vida,
Também o da salvação.

Amostras estas que são de terras fronteiras de Vila Real (*Revista Lusitana*, 1906, vol. IX, pág. 247 e X, 1906), e outras que ligam a mesma Senhora com as vindimas próximas:

A Senhora dos Remédios
Vai pelo Douro acima
Com a cestinha no braço
Fazer à sua vendima.

Porque a romaria é também parada de amor e cortejo nupcial, pergunta-se à Virgem:

Senhora da Saúde,
Quem pergunta, quer saber,
Se a romaria é aceite
Do homem sem a mulher. (Vila Real).

Conversas amorosas, amores que desabrocham, entrevistas a resguardo, fizeram dizer à *Romeirinha* da xácará de Rebordelo, no *Cancioneiro Trasmontano* (*Rev. Lusitana*, IX, p. 323, n.º 102) do Ab.º José Augusto Tavares:

Antes que da festa vnaha,
Não direi quem ficou nela.

Fazem-se promessas, cumprem-se promessas, e as Marias cantam:

Ô Senhora dos Remédios,
Para o ano lá hei de ir.

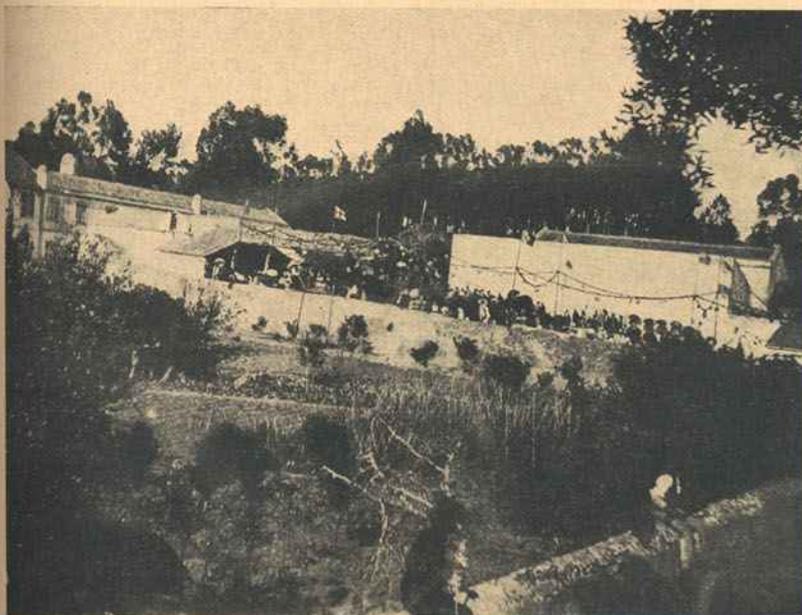
Ô Senhora dos Remédios
De ó redor de vós andei.

E lá vão ao campo da romaria,

Correm moças, correm velhos,
A vossa festa, Senhor;
É mil carros e parelhas
Enfeitados a primor.

na romaria de Santo Antão, na Covilhã: P. Fernandes Tomás, *Velhas Canções...* p. 93).

Pelo caminho o sol resseca as gargantas, constrange as almas. É necessário cantar, mas o pó e o calor empastam as vozes. Na Idanha-a-No-



CANEÇAS—Senhora dos Enfermos nos Camarões. Aspecto da ermida e arraial

va se pede água a N.ª S.ª da Graça no caminho da romaria :

Nossa Senhora da Graça
Tem água num cantarinho,
Para dar aos romeiros,
Quando vêm de caminho.

(Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, II, 121). Dar-lhes há sugestão falar na água, como a Corot, a que pintava ao sol em quadro de ar livre. Na Mataca (Fornos-de-Algodres), os romeiros a Santa Eufémia dialogam com a Santa Leite de Vasconcelos, *De Terra em Terra*, I, p. 140) :

— Senhora Santa Eufémia,
Que dais aos vossos romeiros?
— Dou água das minhas fontes,
Sombra dos meus castanheiros.

Há romances-xácaras cujo protagonista é romeiro ou romeira : a *Romeirinha* trasmontana, já mencionada, a *Romeira* de terras de Além-Douro, XVII romance do Romanceiro de Garrett, o *Romeiro*, trasmontano também, de Maçores (Vinhais). Nêste último (*Revista Lusitana*, vol. IX, p. 375, n.º 89, pelo Ab.ª T.ª) fala-se da romeira que pela noite va-ria :

Alta vai a lua, alta
Mais que o sol ao meio dia;
Lá se vai aquela senhora,
A cumprir a romaria.

Mal vai à gente se o tempo traz chuva e prejudica a romaria. Pede-se o sol aos santinhos :

Senhora do Almurão,
Mandai sol, que quer chover;
Que se molham os vestidos
Dos fideis que vos vão vêr.

(Idanha-a-Nova : Lopes Dias, *Etnogr. da Beira*, II, 119).

O entusiasmo da diversão inflama os romeiros. E, porque a festa é justificada pela invocação do Santo ou da Santa, lembram-na pelo arraial no folgado e não há nêsses momentos coisa melhor ; assim na Idanha-a-Nova (Lopes Dias, id. II, 117) :

Nossa Senhora da Póvoa,
Descei ao vosso arraial

E completam a chamada com a expressão do entusiasmo, no meio dos bailes, descantes, balões, foguetes :

Romaria como a vossa
Não na há em Portugal.

O rebate de consciência chega no fim. Aqueles que reconhecem que a sua romaria não visou



BARCELOS — O Bom Jesus da Cruz

ou não aproveitou o objectivo da fé, confessam o seu pecado :

Nossa Senhora da Granja,
Bem me podeis perdoar;
Vim à vossa romaria,
Só pr'a cantar e bailar.

(Proença-a-Velha : Lopes Dias, id. II, 125).

De regresso, cansados, abatidos todos pela fadiga da caminhada, pelo sol, pelo rodopio vivo de uma noite e um dia, então é perguntar às Marias :

— De onde vens, Maria?
— Venho... da... romaria... — responderá no bocejo de quem não pode com o canastro.

Há por esse país fora, do Minho ao Algarve, romarias numerosas. São porém mais intensas e em número maior do Tejo para cima, da planície para o planalto, do planalto para a mon-

tanha. Do Tejo para o Douro, do Douro para o Minho. Do Minho e do Mondego para o Douro ; do Tejo para o Zézere.

Agosto e Setembro o arco-iris pouisa na terra em rincão minhoto, nessas alturas, onde em cada alto há uma capela e em cada capela sua romaria. Da Senhora da Agonia, de Viana, ao S. Torcato de Guimarães, do Senhor Jesus de Matosinhos à Senhora da Abadia em Terras de Bouro, as romarias coloridas contam-se pelos trapos variegados e garridos das mantas minhotas. É a de S. Bento da Porta-Aberta a quem pergunta a cantiga :

— Senhora S. Bento da Porta-Aberta,
Porque a não tendes fechada?
Quereis vêr os passageiros,
Que vos passam na estrada?

É a das Cruzes de Barcelos, a do Sameiro em Braga, e outras, e outras... São as de Trás-os-Montes com as suas Senhoras ou Senhores da Serra ; por aí abaixo, pelo Nascente, a Castelo Branco, pelo Poente, beira-mar, a Senhora da Nazaré, dos cefiros pitorescos, ao Senhor da Pedra em Obidos, a Senhora da Merceana, a Senhora da Rocha, a Senhora do Cabo, a Senhora da Arrábida...

A volta de Lisboa, sem falar da antiga romaria do Senhor da Serra, de Belas, há cercadura de pequeninas capelas com romarias reduzidas, com tôdas as características, porém, da curiosa parada de fé e de folgado. Em algumas há flagrantes episódios etnográficos, como na escolha da juiza e preferência das suas rústicas companheiras, que, enluvasadas e de chapéu, fazem escola de honra ao andar do Senhor dos Enfermos, em Caneças, no lugar dos Camarões. Outra romaria do aro alfacinha vai à capela de Nossa Senhora da Saúde, em Montemor, o « monte maior », cerca de Loures, formosa capela de azulejos setecentistas, que foram estudados por Vergílio Correia no belo trabalho de *Azulejos Datados* (Lisboa, 1922, de pág. 13 a 18).

Dos despiques e desforras amorosas de tôdas estas romagens, onde se encontram e se vingam amores, não teria vindo esta quadra de triunfo vingador, que sôa como clarim de guerra no alarde altíssimo da vitória?

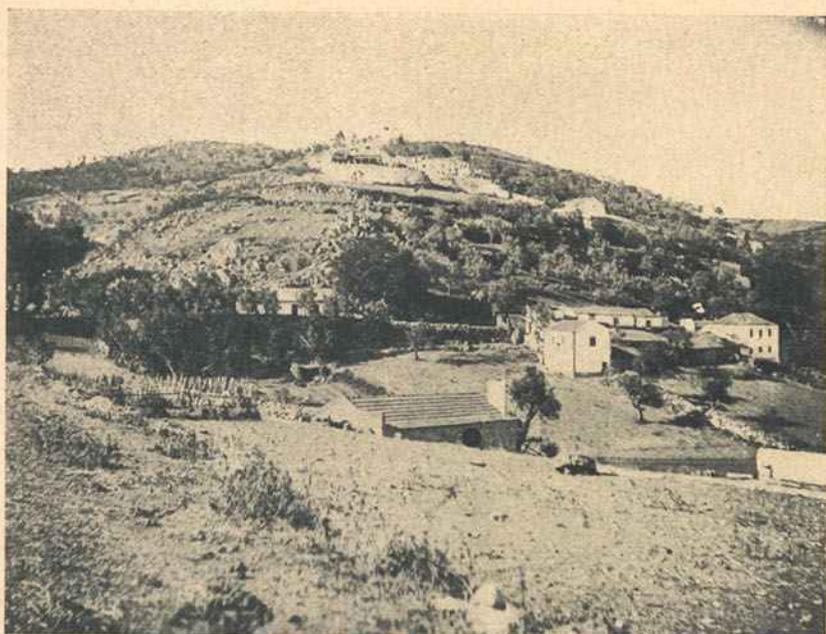
Cuidavas, por me deixares,
Que eu de paixão morreiria.
Foi-se um amor, ficou outro,
Vivo na mesma alegria

Melhor glosa não teria o anexim encurtado :
— rei morto, rei pôsto!

Pois é brilhante e vivíssima esta quadra lúrea das romarias, Agosto & Setembro. *Legenda dou-rada da gente portuguesa.*

LUÍS CHAVES.

(Clichés do capitão Rocha Vieira)



LOURES — Senhora da Saúde, em Montemor, em dia de romaria

ELOGIO DA PATRANHA



Eu tenho um amigo chamado Gervásio que é filósofo; um filósofo terrível, hiperfísico como Coline, positivista como Conte, e cheio de optimismo como Mestre Pangloss.

Para Gervásio não existe o mal senão como ferramenta de Deus, semente do Bem, adubo atotado do Destino. Gervásio ama as revoluções porque fazem mártires, os cataclismos

porque dão vida à caridade, a mentira porque é o pólen misterioso da grande flor da Glória...

E a respeito da mentira Gervásio discursa, defende com brilho a sua tese falsa, tão falsa na essência que «nós (são palavras d'êles) temos de a aceitar como verdadeira, porque não há nada mais verídico do que uma mentira, uma boa mentira urdida segundo as leis da Verdade e, portanto, verdadeira no Passado ou no Futuro...»

E Gervásio acrescenta: Tudo, meu amigo, tudo que tem revolvido a face da terra vem da Patranha. Sem a intrugice da serpente, sem a peta dos arquitectos de Babel, sem a pele de carneiro de Esaú, sem o vigário de Labão, o mundo antigo era uma estupidez quieta. Não havia bons e maus, só se falava uma língua, nunca tinha havido morgados e os noivos não sabiam esperar...

Ora se caminharos pelo tempo o caso ainda é mais flagrante. Navegadores, descobertas, conquistas, padrões da glória das raças, nomes fulgurantes da História, tudo isso tem como primeiro impulso, como raiz ancestral o pólen doirado de uma Patranha. A Patranha é sempre uma verdade fora de tempo...

E senão, dizia-me Gervásio calcando no cachimbo uma pitada de tabaco inglês, vê tu a expedição dos argonautas, o mais velho «raid» marítimo de que resa a história. Quem teria conseguido embarcar a chusma na «Argos» e atirá-la para o mistério das ondas sem a mentirinha prévia do vélo de ouro? Foi a tentação daquela tosquia maravilhosamente fácil que deu fôlego à maruja e

lhe fez esquecer o perigo da aventura. Sem isso êles iriam?

Gervásio pigarreia...

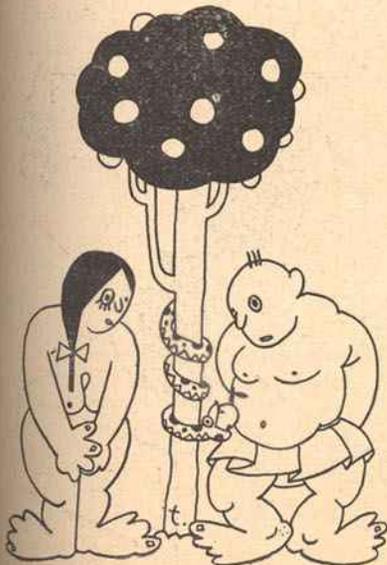
Iam, mesmo...! Ora é conveniente lembrar que a expedição dos argonautas foi o prólogo oficial da história trágico-marítima de todos os tempos...

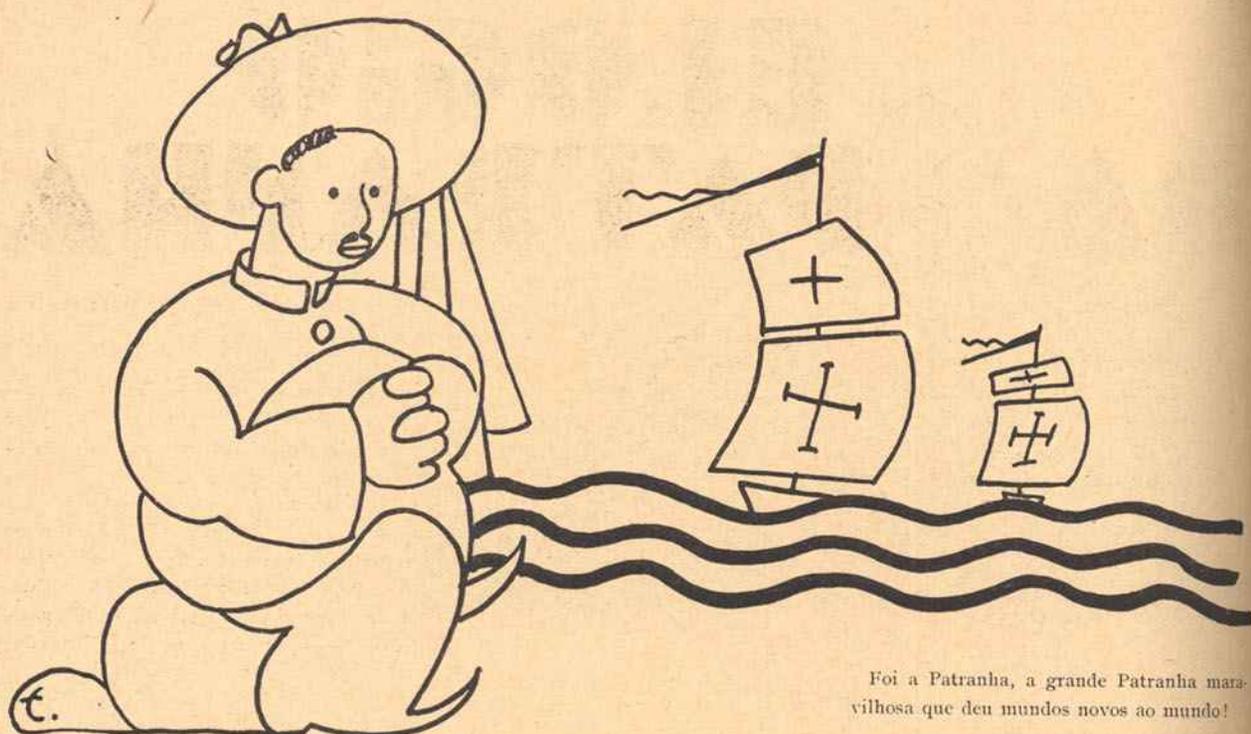
Não contesto, e Gervásio anima-se:

—E a nossa primeira sortida, em pleno Atlântico, o que foi? Tu sabes, sabemos todos, que o Infante, o almirante surumbático do Promontório, teve por si, auxiliando-o, rumando as primeiras caravelas, a Patranha,



uma doirada Patranha que êle teve o bom senso de não desmentir. Aquelles arribados que vieram contar de uma ilha onde haviam naufragado, ilha onde os calhaus da praia eram de ouro maciço e as montanhas refugiam como peças de lavrante saídas do molde, foram as propulsões metafísicas da Primeira Aventura. Sem êles, sem a Patranha magnífica, sem a visão do ouro para além da caligem dos mares desconhecidos, a lenda clássica dos monstros e das trevas tomaria vulto e nem viva alma largaria da praia sobre as quatro pranchas dum convés. A glória pura era coisa abstracta de mais para as pupilas moiras dos homens do Infante...





Foi a Patranha, a grande Patranha maravilhosa que deu mundos novos ao mundo!

E antes? E depois? E sempre?

E a lenda de São Barambú?

E a ilha das sete cidades?

Por tôda a Europa, como uma epidemia de curiosidade, grassou a paixão do desconhecido.

Os homens sentiam que o Mundo era grande, muito grande, e quiçá melhor longe da terra conhecida.

Os príncipes que sonhavam estender os domínios acarinhavam tôdas as lendas de opulência que naufragos transviados ou viajantes sonâmbulos vinham contar de terras que havia e por onde tinham andado calcando areias de ouro nas margens de rios milagrosos cuja água sustentava como leite...

— Eu hei-de escrever isto! Hei-de escrever isto! — gritava-me Gervásio.

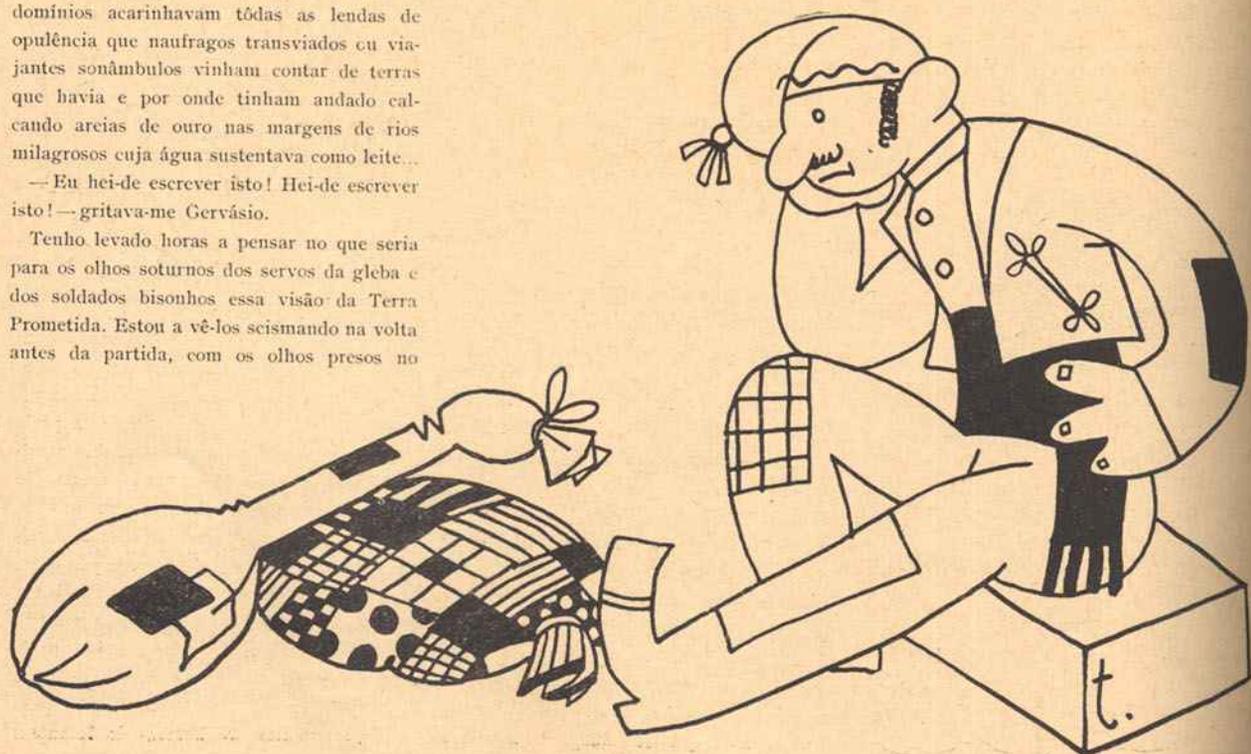
Tenho levado horas a pensar no que seria para os olhos soturnos dos servos da gleba e dos soldados bisonhos essa visão da Terra Prometida. Estou a vê-los seismando na volta antes da partida, com os olhos presos no

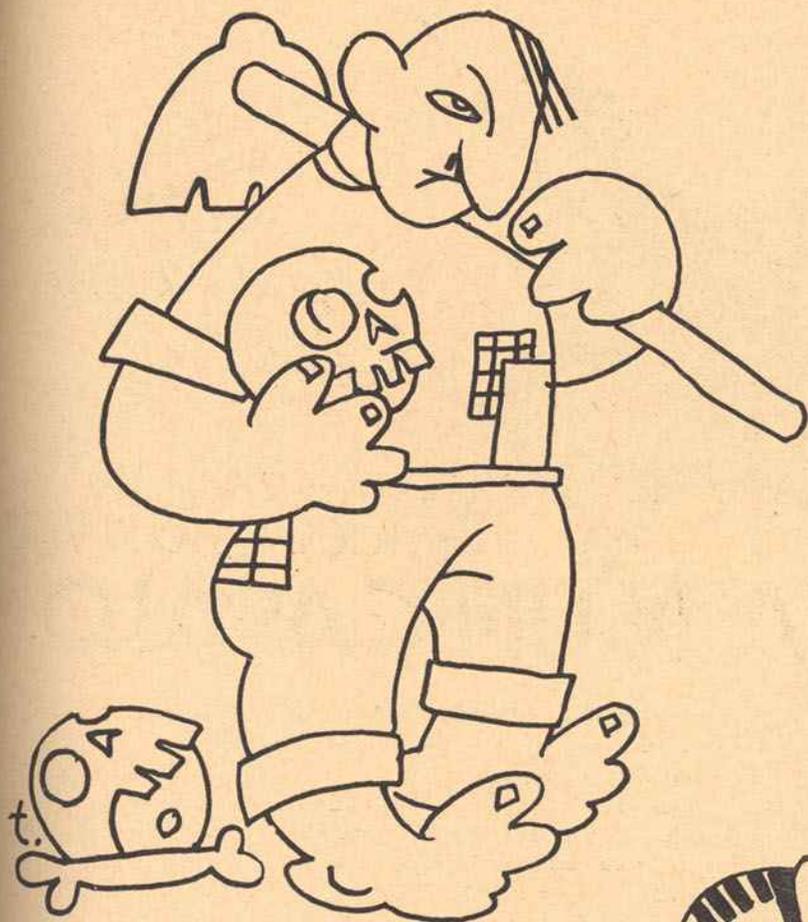
mar e o espírito desvairado avaliando a carga preciosa. Quantos, quantos num assomo de egoísmo não pensariam ir a nado, ao sabor das ondas, procurar a ilha, para voltarem sós e não terem que repartir o quinhão de riqueza!

Por isso êles foram, meu amigo, por isso embarcaram e se fizeram de vela e voltaram alguns e morreram muitos...

E se viermos pelos séculos fóra, se deixarmos a Idade Média e descancarmos os nossos olhos de agora no convés dum paquete moderno vemos ainda a obra da Patranha a encher porões e a conduzir rebanhos. O saco de quadrados e a viola substituíram o bernal de coiro cru e a adaga temida, mas os de hoje são como os outros, levados por outros em cata do mesmo ouro.

E a gente de hoje é a mesma de então. O





Quantos, quantos sábios a esta hora, depois que um deles afirmou que o hidrogénio era um corpo composto, não andarão inquietos a sonhar novamente com a transmutação dos metais esperando, cada um deles, erguer do fogo numa hora plena, em segredo, o cadinho coruscante transbordando ouro fundido?!

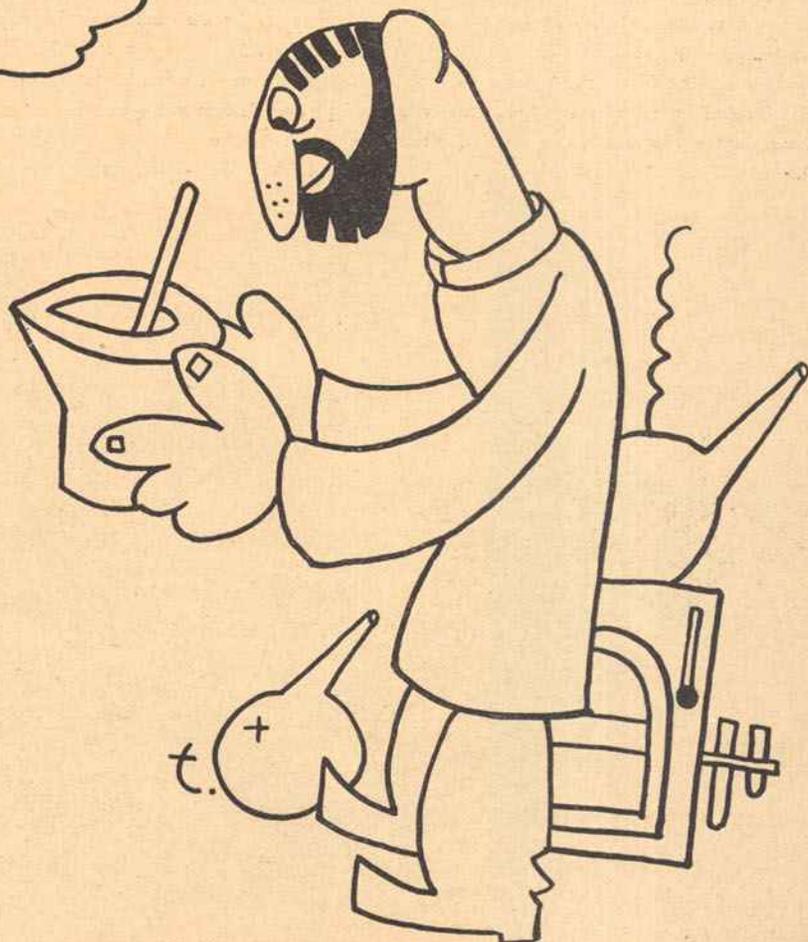
Oh! a Patranha é a maior das forças terrenas. Velha no mundo como a fala da serpente e a maçã do Eden, como a fenix grega renasce de si mesma mais forte e mais perfeita tôdas as vezes que a Verdade a chamusca.

Suponha, você, que tudo era verdade, tudo... Ninguém tinha um amigo, nem uma mulher, nem uma crença, nem uma esperança...

Não havia comércio, não havia dinheiro, não havia um beijo, nem uma taça de champanhe nem um palpite na loteria. Não havia governos, nem partidos, nem sistemas: O mundo dava a impressão duma quantidade de bonecos de espelho, movendo-se e reflectindo tudo, tudo, miseravelmente tudo...

E, devotadamente, Gervásio termina: Mentira suave, Patranha santíssima, pólem da flôr da Vida, tem piedade de nós!

CASTELO MORAIS.



sonho é mais modesto mas a bagagem de valores é a mesma: uma pitada de ilusão a servir de canela à inconsciência...

E hoje, como então, cidades vão erguendo-se e a floresta vai recuando para que o mundo fique igual de polo a polo. Depois, quando no volver dos séculos o progresso tiver desgraçado a terra e chama'lo o cataclismo, outras raças ignorantes surgirão e novamente a Patranha será a bússola dos heróis da Terceira Humanidade...

Calou-se Gervásio uns minutos para, transfigurado, tornar a falar.

Benditos, dizia êle, bemaventurados os olhos porque tudo acreditam e o sonho deles não conhece limite.

A desgraça do mundo é a Verdade. A verdade, chata e nua como a fôlha de uma espada, é o caminho directo a todo o sol, sem a ilusão dum atalho, sem a frescura de uma sombra, sem o mistério de um labirinto. Os creiros são tristes porque lidam com ela todos os dias e a morte, assombra-nos porque é a sua filha única neste mundo de enganos. A fé é o maior bem e a ciência o pior dos males. Ai de ela, da pobre ciência humana, se o agulhão doirado da Patranha não aligeirasse a carreira do pensamento. Sem a besca da pedra filosofal o que seria da quimica?

EPISÓDIOS
PEQUENAS
CAVALARIA
POR I. BABEL

DA REVOLUÇÃO RUSSA
TRAGÉDIAS DA

VERMELHA
DESENHOS DE STVART.

HISTÓRIA DE UM CAVALO



Savitski, o nosso comandante de divisão, tirou certa vez a Chlebnikof, o comandante do primeiro esquadrão, o seu cavalo branco. Era uma soberba estampa, se bem que um pouco gordo, o que, a meu ver, sempre o tornava um tanto pesado. Chlebnikof recebeu, em compensação, uma égua preta, que também não era de má raça e de passo tranquilo. Mas Chlebnikof tratava mal a égua. Ansiava a vingança e esperava a sua hora. E esta chegou.

Quando dos desgraçados combates de Julho, Savitski foi transferido de castigo. Então Chlebnikof fez um requerimento ao Estado Maior pedindo a devolução do cavalo branco. O chefe do Estado Maior escreveu a seguinte nota à margem: «Devolva-se o cavalo em questão ao seu antigo dono». Chlebnikof percorreu em triunfo cem quilômetros à procura de Savitski, que, nessa altura, vivia em Rádsivilof, uma pobre cidade tão miserável como um vestido rto. O coman-

dante, vendo a sua carreira interrompida, retirara-se do serviço.

Os ambiciosos do Estado Maior não o queriam reconhecer, e entanto conseguiam do Chefe do Exército, arrastando-se servilmente, rendosas comissões de serviço, voltavam as costas a Savitski, o seu adulado comandante de outrora.

Sempre muito perfumado, semelhante a Pedro, o Grande, vivia o proscrito com a cossaca Paula, que roubara a um intendente,





repetiu a mulher radiante, abotoando a camisa do seu comandante, que tinha o peito descoberto.

— Ninguém para comigo — parodiou êle, levantando-se e abraçando os ombros rendidos de Paula.

Voltou-se depois rapidamente para Chlebnikof, cujo rosto se cobria de mortal palidez.

— Ainda não morri, Clebnikof — disse, abraçando novamente a cossaca. — Ainda não morri, ainda saltam os meus cavalos, ainda podem agarrar-te êstes braços, ainda esta arma dá calor ao meu corpo...

E empunhando o revólver que levava sobre o ventre nú, correu sobre o comandante do primeiro esquadrão.

Este saiu do pátio deixando as esporas, veloz como uma vedeta quando vai dar um aviso; tornou a andar os mesmos cem quilômetros e apresentou-se ao chefe do Estado Maior. Mas êste correu com êle, vociferando:

— Não me masses mais, comandante. Já fiz o que tinha que fazer. Mandei devolver-te

um judeu, na companhia de vinte cavalos de raça, todos da sua propriedade.

O sol, à hora do poente, fazia todos os possíveis esforços para mandar ao pátio de Savitski os seus raios moribundos; os potros mamavam impetuosamente o leite das mães; os moços da cavalaria, com as costas encharcadas de suor, peneiravam aveia, quando Clebnikof, invocando o seu direito, ávido de vingança, entrou naquele pátio que tinha o aspecto duma barricada.

Savitski estava estendido sobre um molho de feno.

— Não me conhece? — perguntou-lhe o recém-chegado.

— Parece que te vi uma vez — respondeu o outro bocejando.

— Então, aqui tem esta ordem do Estado Maior — disse Clebnikof duramente — e suplico-lhe, camarada da reserva, que olhe para mim com olhos de oficial.

— Não tenho inconveniente — murmurou Savitski em tom conciliador.

Pegou no papel e começou a ler com extraordinária lentidão. Voltou-se bruscamente e chamou a cossaca, que estava a pentear-se debaixo do telheiro.

— Paula — disse — desde esta manhã que andas às voltas com êsse penteado. Raícs te partam! Farias bem melhor se acendesses o samovar...

A cossaca pôs o pente de lado, recolheu o cabelo com ambas as mãos e deitou-o para as costas.

— Passamos o dia a resmungar, Constantino Vassilievich — disse ela com um indolente sorriso de superioridade. Ora isto, ora aquilo... Ninguém para contigo.

E dirigiu-se para o antigo comandante de

divisão. Os seus peitos moviam-se como dois bacorinhos travessos.

— Passamos o dia a resmungar, hein! —





o cavalo e agora tenho mais em que pensar.

Não quis ouvir as razões que Chlebnikof lhe dava e devolveu ao primeiro esquadrão o seu exadido comandante. Chlebnikof não se apresentou em tôda uma semana. Entretanto, mandaram-nos acampar nos bosques Dubenski; armamos tendas de campanha e não passámos mal de todo.

Um domingo de manhã, era o dia 12—recordo-me como se fôsse hoje—reapareceu Chlebnikof. Pedeu-me um caderno de papel e tinta. Os cossacos prepararam-lhe um tronco duma árvore, posou o revólver e o papel em cima e escreveu até à noite, enchendo páginas e páginas.

—Nem que fôsses Carlos Marx!—dizia-lhe à noite o comissário militar do esquadrão—Que diabo escreves tu aí?

—São diferentes pensamentos referentes ao meu juramento—respondeu Chlebnikof entregando-lhe a declaração da sua despedida do Partido Comunista russo.

«O Partido Comunista—dizia nela—foi fundado, no meu entender, para o contentamento de todos e para o cumprimento da verdade absoluta e ilimitada, e, por isso, deve preocupar-se também com os humildes. Agora quero aludir ao cavalo branco que arranquei a êsses incorrigíveis camponeses contra-revolucionários e que então tinha um aspecto miserável. Muitos dos meus camaradas riram-se dele sem a menor consideração por mim. Mas eu tive força para aguentar as suas gargalhadas e apertando os dentes cuidei do cavalo para a nossa causa comum, fazendo dêle um animal magnifico, o que, de resto, já esperava, porque eu, camaradas, sou amante dos cavalos brancos e trato deles

com as poucas forças que me ficaram depois da guerra imperialista e da guerra civil. Estes animais conhecem bem as minhas mãos, porque eu compreendo as suas mudas necessidades e sei o que lhes faz bem. A égua que me destinaram, negra como um corvo, não tem para mim o menor valor; não a quero, como podem testemunhar todos os camaradas, e dever-se-hia evitar uma desgraça. E já que o Partido, apesar da resolução tomada, não me pode devolver aquele bem que se tinha apoderado do meu coração, vejo-me forçado a escrever esta declaração com lágrimas que, embora não fiquem bem a um guerreiro, me saltam continuamente dos olhos, rasgando-me o coração e derramando sangue...»

Isto e muito mais escreveu Chlebnikof na sua declaração. Escrevera nela todo o dia, como disse, saindo-lhe larguissima. Eu estive trabalhando com o comissário militar mais de uma hora para a decifrar por completo.

—Está doido—disse o comissário, rasgando o papel.—Anda cá depois de ceiar e falaremos.

—Não tenho nada que falar. Já disse o que tinha a dizer—exclamou furioso Chlebnikof. Fôste a minha perdição, comissário militar.

E ali estava em pé, com as mãos na cos-

tura das calças, sem se mexer do sítio, olhando para tôda a parte como quem busca um caminho por onde fugir. O comissário militar aproximou-se dele inadvertidamente. Chlebnikof deu um salto e largou a correr com tôdas as suas forças.

—Estou perdido!—exclamou furiosamente, saltou por cima da árvore, rasgou a blusa, ensanguentando o peito todo.

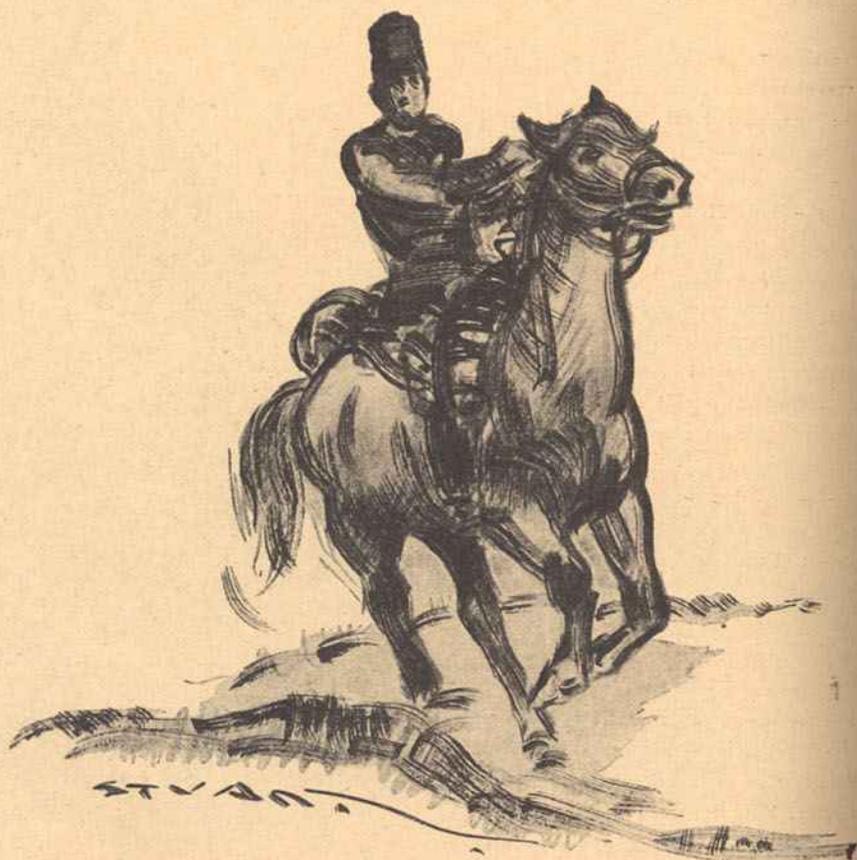
—Aqui me tens, Savitski!—gritou, arrojando-se ao chão—Aqui me tens! Bate-me!

Levamo-lo para a tenda ajudados pelos cossacos. Fizemos-lhe chá e demos-lhe um cigarro. Fumava e não cessava de tremer. Só ao cair da tarde é que se tranqüilizou um pouco o nosso comandante.

Não voltou a falar da sua insensata declaração; mas uma semana depois dirigia-se a Rofuo para ser reconhecido pela junta médica. Licenciaram-no como inválido com seis ferimentos.

Assim perdemos Chlebnikof. A mim entristeceu-me muito isto, porque Chlebnikof era um homem pacato, de carácter semelhante ao meu. Era o único no esquadrão que tinha um samovar.

Nos dias de calma tomavamos juntos chá quente. E falava-me de mulheres com tantos pormenores que eu corava. Fazia-me bem ouvi-lo porque os dois, creio eu, tínhamos as



mesmas paixões. Considerávamos o mundo como os prados em Maio... como prados com cavalos e mulheres.

* * *

Há quatro meses que Savitski tirou a Chlebnikof, o comandante do primeiro esquadrão, o seu cavalo branco. Chlebnikof abandonara o exército.

Hoje, Savitski recebeu uma carta d'ele :
«...e eu já não tenho rancor à cavalaria de Budienny. Só eu sei quanto sofri no exército e guardo a lembrança no coração, puro como um santuário. E a massa trabalhadora do território de Vitebsk, onde sou presidente do Conselho Revolucionário, envia-lhe, camarada Savitski, herói famoso, a sua saudação proletária : «A revolução mundial !», e deseja que o respectivo cavalo branco o leve ainda muitos anos por bons caminhos para bem da amada liberdade e da república fraterna. Tudo o qual vigiaremos com ôlho atento, especialmente o que se refere à administração das zonas...»

Resposta de Savitski :

«Fiel camarada Chlebnikof! A carta que me escreveste é deveras plausível para a causa comum, sobretudo se se toma em consideração a dôr com que tapaste os olhos com a tua própria pele e saíste do nosso Partido Comunista, bolchevique. O nosso Partido Comunista, camarada Chlebnikof, é um férreo cortejo de guerreiros que derramam o seu sangue nas primeiras filas, e quando corre o sangue pelo ferro já não se trata de brincadeiras : trata-se de vencer ou morrer. Isso acontece com a nossa causa comum, cujo triunfo não presenciarei eu, pois a luta é dura e de dois em dois dias tenho que repor os efectivos dos meus chefes. Há trinta dias e trinta noites que cubro com a rectaguarda, exposto ao iminente fogo da artilharia e da aviação inimigas, o invencível primeiro regimento de cavalaria. Morreu Tardig, morreu Luchmanikof, morreu Lykoschenko, morreu Gulevof, morreu Trunof, e o cavalo branco já não está comigo; de maneira que podes perder a esperança, camarada Chlebnikof, já que a fortuna da guerra é versátil, de ver outra vez o teu querido comandante de divisão Savitski. Ver-nos-hemos no céu, como se costuma dizer; mas como para os velhos não deve haver lá em cima um céu muito convidativo, e como para passar fadigas bem nos basta o que por cá passamos, é provável que já não nos vejamos mais. De maneira que conserva-te bem, companheiro Chlebnikof.»



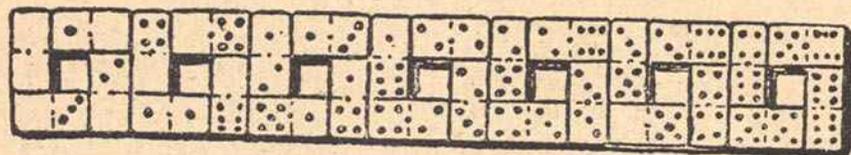


Passatempo

PACIÊNCIAS COM AS PEDRAS DO DOMINÓ

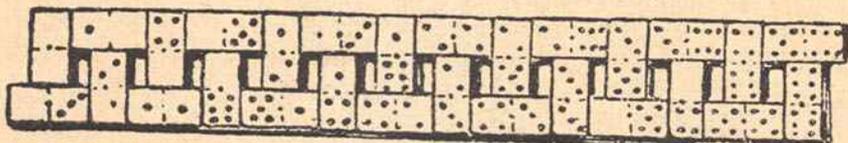
Para colocar, em posição vertical, tôdas as pedras de um jôgo de dominó, por forma que elas fiquem, na primeira ou na segunda das disposições aqui representadas, há mais alguma dificuldade do que a que pode parecer à primeira vista; e tanto que nós vamos indicar, desde já, a maneira de consegui-lo, restando ao operador o dispor da necessária perícia e da indispensável paciência. Diremos, apenas, a maneira de principiar, notando que não é preciso casar as pedras, pois estas se podem ir dispondo indistintamente como se quiser.

Para executar a figura primeira, devem tomar-se três pedras: por exemplo: o três



e branco, o dois e branco e o ás dobrado; e põem-se, conforme a figura representa. Em seguida, coloca-se o quatro e branco, depois o dobre branco, e entre êles o ás e branco, que desta maneira ficará amparado e bem sustido. Continui-se êste processo, até se collocarem as pedras tôdas, não devendo ser tomada como cousa extraordinária um desmoroamento, que obrigue a recommear tudo de novo.

O mesmo temos a dizer para dar começo à figura segunda: Coloquem-se as três pri-



meiras pedras de baixo, depois o quatro e branco, e o dobre branco, e seguidamente, entre elas, o ás e branco, que ficará apoiado pelas duas anteriores. Seguindo o mesmo processo até ao final, a construção poderá ser levada a cabo sem correr maiores perigos. E, no caso de não ser possível evitar todos, é ter paciência e teimar.

O segredo da colocação está em manter, o mais possível, o equilíbrio.



EXPERIENTE

O pretendente apaixonado:— Deponho a minha fortuna aos seus pés.

A formosa pretendida:— A sua fortuna? Não sabia que a tinha!

O apaixonado:— Não tenho muita, mas também pouco é preciso para cobrir uns pés tão pequeninos.



PRIVILÉGIOS DA GRANDEZA

Joãosinho:— Quem me dera ser o senhor, sr. Anastácio.

O endinheirado Anastácio (que fôra convidado para jantar):— Então porquê, Joãosinho?

Joãosinho:— Porque a si não lhe puxam as orelhas por comer com a faca.



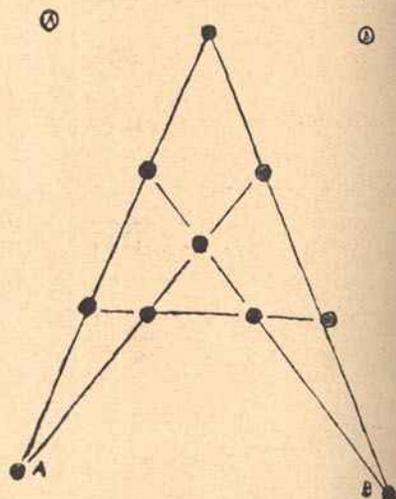
Senhora de idade:— Aquele papagaio que ontem lhe comprei tem uma linguagem inconvenientíssima.

O negociante:— Não nego que êle tenha o vício de praguejar; mas há-de a senhora ver que, em compensação, não bebe nem joga.

O VOO DAS AVES

(Solução)

Para maior clareza na solução, substituíram-se as aves por pontos. Os dois pontos



A e B da parte inferior são as duas aves que mudaram de lugar; a sua posição anterior é a indicada pelos pontos brancos A e B, da parte superior.



- Tem esferas terrestres?
- Tenho, sim, senhor.
- Desejava uma.
- De que tamanho a deseja?
- De tamanho... de tamanho... natural!



CURIOSIDADE

A mãe disse ao Quim que se êle não parasse de tocar tambor, no dia seguinte não receberia os seus presentes de anos, os quais ficariam para a irmã.

A Aninhas, daí a um minuto:— Mamã, o Quim não parou de tocar; que presentes é que êle não recebe amanhã?

ESTAMPAS ESPAÑOLAS



SÉCULO XVIII. Uma estrada espanhola. Galopar de cavalos, estalos de chicote, uma nuvem de pó...

Passa um fidalgo na sua seje de posta, sinal de opulência e distinção.

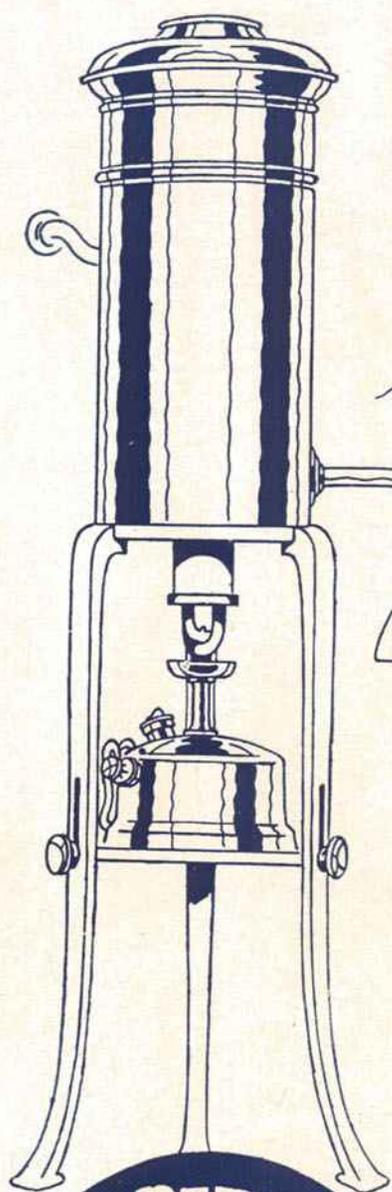
SÉCULO XX. Uma estrada ou uma cidade espanhola... Na nossa época, viajar num «Lincoln» é a suprema manifestação de fidalguia e alta posição social.

LINCOLN

LINCOLN  FORDSON

Ford Motor Ibérica
BARCELONA

Banhos quentes económicos



O Esquentador «VACUUM» prepara um banho quente com um dispêndio mínimo de Petróleo SUNFLOWER.

Embeleza qualquer casa de banho; é simples de manejar e funciona em tôda a parte onde basta que haja água corrente de um depósito.

É, portanto, indicado tanto para a cidade como para o campo.



ESQUENTADORES VACUUM

VACUUM OIL CO

708

R. da Horta Sêca, 17 — Telef. 2 1031 - Rocío, 67 — Telef. 2 0043